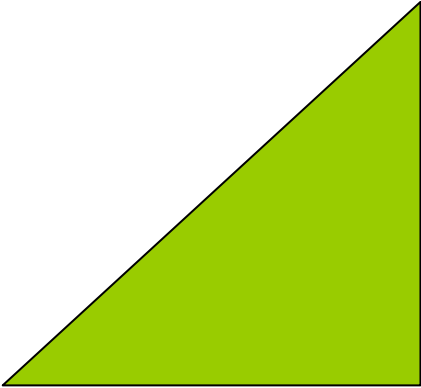


Motivação para a Prática do Futebol

Motivos para a prática, objectivos de realização e crenças quanto às causas de sucesso, de jovens pertencentes a escalões de formação de Futebol.

Carlos Manuel da Rocha Gomes

Porto, 2006



Motivação para a Prática do Futebol

Motivos para a prática, objectivos de realização e crenças quanto às causas de sucesso, de jovens pertencentes a escalões de formação de Futebol.

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Rendimento de Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Orientadora: Prof. Doutora Cláudia Dias
Co-Orientador: Prof. Doutor Júlio Garganta
Carlos Manuel da Rocha Gomes

Porto, 2006

AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho desta natureza, não teria sido possível sem a colaboração e o apoio de várias pessoas. Não poderia, portanto, deixar de agradecer a todos aqueles que, de forma directa ou indirecta, contribuíram para a sua concretização.

A Prof. Doutora Cláudia Dias, pela orientação, apoio e ajuda constantes em todo o processo de realização deste trabalho. À Professora agradeço a disponibilidade permanente a todas as indicações preciosas que me deu, naqueles momentos que estava “perdido”, em busca do melhor caminho.

Ao Prof. Doutor Júlio Garganta, pela forma acessível, fácil e eficaz que orientou na fase inicial deste processo, pois ajudou-me a entender melhor a investigação científica.

Ao Prof. Doutor Manuel Fonseca, pelo contributo e influência neste trabalho, ao aceitar a orientação por parte do gabinete de Psicologia e também pela forma como me ajudou a encarar a investigação científica como sendo um desafio a vencer.

Aos Treinadores, pela colaboração e receptividade durante a aplicação dos instrumentos deste estudo.

Aos meus Pais, Adriano Rocha e Fernanda Rocha. A vocês devo o pouco que sou hoje... e continuo a acreditar que amanhã poderei ser melhor.

À minha Irmã Virgínia, pelo incentivo e apoio constante.

À Joana, o meu agradecimento pela prontidão na ajuda solicitada, pela Paciência, Carinho e Amor demonstrado durante a elaboração deste trabalho.

RESUMO

Atendendo à importância que a prática desportiva assume actualmente no quotidiano e na formação dos jovens, é necessário surgirem investigações que para além de contemplarem os motivos subjacentes à prática desportiva dos indivíduos, os consideram em função das suas orientações cognitivas.

O presente trabalho pretendeu estudar o atleta como elemento do processo de iniciação e formação no Futebol e teve como objectivos principais: a) identificar os motivos que levam os jovens a praticarem Futebol, na amostra total e em função da idade; b) Identificar os objectivos de realização dos jovens federados, na amostra total e em função da idade; c) identificar as crenças quanto às causas de sucesso no Futebol, na amostra total e em função da idade; d) Analisar a relação entre as diferentes dimensões motivacionais em estudo, na amostra global e sub-amostras dos juvenis e juniores.

A amostra foi composta por 260 futebolistas jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos (Média=16.71 +/- 1.10).

A análise dos resultados do nosso estudo permitiu verificar que os Motivos mais importantes para a Prática do Futebol da generalidade dos jovens foram a competência técnica, competição e afiliação geral; quanto aos Objectivos de Realização constatámos que os atletas se orientavam mais para a tarefa do que para o ego; e relativamente às Crenças quanto às Causas de Sucesso verificámos que estavam associadas à motivação e esforço dos jovens atletas.

No que diz respeito à relação entre motivos para a prática, objectivos de realização e crenças quanto às causas de sucesso os resultados demonstraram uma correlação positiva entre a orientação para a tarefa, os motivos relacionados com a competência técnica, prazer, afiliação e com as causas de sucesso da motivação/esforço; enquanto a orientação para o ego correlacionou-se positivamente com os motivos do estatuto, emoções, prazer, forma física, e com as causas de sucesso dos factores externos.

Palavras-Chave: Futebol, Motivos, Objectivos de Realização, Causas de Sucesso, Jovens.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	III
RESUMO.....	IV
ÍNDICE GERAL	V
ÍNDICE DE FIGURAS	VII
ÍNDICE DE QUADROS	VIII
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DA LITERATURA	7
2.1. Motivos para a Participação Desportiva.....	7
2.1.1. A Influência das Variáveis da Idade e do Sexo nos Motivos para a Prática	11
2.2. Objectivos de Realização	14
2.2.1. Influência das Variáveis da idade e do sexo nos Objectivos de Realização	17
2.3. Crenças Quanto às Causas de Sucesso	19
2.4. Relação entre as dimensões dos Motivos para a Prática, Objectivos de Realização e Crenças quanto às Causas de Sucesso	22
3. OBJECTIVOS	24
4. METODOLOGIA	25
4.1. Caracterização da Amostra	25
4.2. Instrumentos	26
4.3. Procedimentos	27
5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	28

5.1. Análise dos Resultados Globais da Amostra	28
5.1.1. Motivos para a Prática do Futebol.....	28
5.1.2. Objectivos de Realização referentes à Prática de Futebol.....	29
5.1.3. Crenças quanto às Causas de Sucesso no Futebol.....	29
5.2. Diferenças nos Motivos para a Prática, Objectivos de Realização e Causas de Sucesso, em função da idade dos atletas	30
5.2.1. Motivos para a Prática do Futebol em função da idade dos atletas	30
5.2.2. Objectivos de Realização referentes à Prática de Futebol em função da idade dos atletas	31
5.2.3. Crenças quanto às Causas de Sucesso no Futebol em função da Idade dos atletas	32
5.3. Correlações entre as dimensões dos Motivos para a Prática, dos Objectivos de Realização e das Crenças quanto às Causas de Sucesso	34
5.3.1. Inter – Correlação entre os Motivos para a prática, os Objectivos de Realização e as Causas para o Sucesso da Amostra Global	34
5.3.2. Inter – Correlação entre os Motivos para a prática, os Objectivos de Realização e as Causas para o Sucesso da Amostra de Juvenis	36
5.3.3. Inter – Correlação entre os Motivos para a prática, os Objectivos de Realização e as Causas para o Sucesso da Amostra de Juniores	38
6. <i>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</i>	41
7. <i>CONCLUSÕES</i>	48
8. <i>IMPLICAÇÕES PRÁTICAS</i>	50
9. <i>BIBLIOGRAFIA</i>	52

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Número de atletas por clube e escalão.....	25
Figura 2 – Motivos para a prática em função da idade dos atletas.....	31
Figura 3 – Objectivos de Realização em função da idade dos atletas.....	32
Figura 4 – Causas de Sucesso no Futebol em função da idade dos atletas....	33

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Estatísticas descritivas das Dimensões Motivacionais.....	28
Quadro 2 – Estatísticas descritivas dos Objectivos de Realização.....	29
Quadro 3 – Estatísticas descritivas para as crenças quanto às causas de sucesso para o Futebol	29
Quadro 4 – Diferenças entre os Juvenis e Juniores relativamente aos Motivos para a prática.....	30
Quadro 5 – Diferenças entre escalões relativamente aos Objectivos de Realização.....	32
Quadro 6 – Diferenças entre Juvenis e Juniores relativamente às Causas de Sucesso.....	33
Quadro 7 – Correlação intra-classe para os Motivos para a prática, Objectivos de Realização e Causas para o Sucesso (Amostra Global)	36
Quadro 8 – Correlação intra-classe para os Motivos para a prática, Objectivos de Realização e Causas para o Sucesso (Amostra de Juvenis).....	38
Quadro 9 – Correlação intra-classe para os Motivos para a prática, Objectivos de Realização e Causas para o Sucesso (Amostra de Juniores).....	40

1. INTRODUÇÃO

O desporto é inevitavelmente, na actualidade, uma manifestação social que tem a capacidade de mobilizar pessoas, e como refere Araújo (1995) a popularidade e o carácter espectacular que evidencia, transformam-no num fenómeno de multidões. Este cativa pela alegria, pelo sonho, pela fantasia.

O Futebol, na sua essência, é um dos desportos que mais cativa as pessoas, especialmente os mais jovens. Esta modalidade funciona como elemento agregador e de entendimento entre povos. O poder do Futebol consegue furar canais políticos e contribui para amenizar tensões entre povos em conflito (Bento, 2001).

A nossa ligação ao Futebol permitiu-nos levantar algumas interrogações sobre aspectos ligados a esta modalidade. Nos escalões de formação estamos com permanentes preocupações em ajudar os jovens a serem melhores em todos os aspectos, e para isso pensamos ser importante conhecê-los bem e sabermos dar-lhes aquilo que eles necessitam. A motivação, como salientou Singer (1984, cit. por Cruz, 1996a), é responsável pela selecção e preferência por alguma actividade, pela persistência nessa actividade, pela intensidade e vigor do rendimento e pelo carácter adequado do rendimento relativamente a determinados padrões.

A motivação na vida dos indivíduos tem sido considerada quando em contextos em que as tarefas são auto-reguladas ou tarefas que requerem a interacção com outros, como por exemplo, as equipas desportivas. A motivação na Psicologia é usualmente referida para gerir a motivação dos outros, que é sempre o interesse dos Pais, Professores ou Treinadores, ou para gerir a nossa própria motivação (Roberts, 2001).

A motivação é dos conceitos mais referidos em desporto, utilizando-se quer para explicar comportamentos inapropriados ou de sucesso dos atletas, quer ainda para justificar estratégias dos Treinadores procurando aumentar o empenhamento dos seus jogadores (Alves et al., 1996). Ao longo da história da Psicologia, tal como refere Fonseca (1995), muitos foram os autores que se

preocuparam em elaborar um sistema de classificação dos motivos que estão intimamente ligados aos comportamentos de cada um, assim como a Psicologia do Desporto tem procurado classificar as razões que levam os jovens à prática desportiva.

O conceito “motivação” é muitas vezes assumido como sendo sinónimo de activação, e muitas vezes Treinadores e Professores usam tácticas de activação para motivar os seus jogadores ou alunos. Contudo, a motivação e activação são construtos diferentes, e para Roberts (2001) a motivação não é genética. Existem muitas teorias da motivação, cada uma com a sua definição do conceito (Roberts, 2001). Segundo Weinberg e Gould (1995), quando falamos em motivação para a realização tal significa falarmos numa tendência para lutar pelo sucesso, persistir face ao fracasso e experienciar o orgulho pelos resultados obtidos.

A motivação é vista muitas vezes como uma noção do senso comum, mas não é tão simples como isso. Os psicólogos do desporto têm passado uma grande quantidade de tempo, nos últimos anos, tentando perceber o complexo quadro da motivação no desporto (Biddle, 1999). Compreender a motivação é uma questão complexa (Newton e Duda, 1999; Vallerand e Losier, 1999). Compreender e aumentar a motivação constitui uma das preocupações centrais dos assuntos humanos.

Fonseca (1993) refere que a motivação é o estudo dos construtos que potenciam e direccionam os comportamentos. Já Roberts (2001) afirma que a motivação é um processo cognitivo dinâmico e complexo baseado em avaliações subjectivas do participante sobre o resultado dependendo do objectivo da acção e do significado do contexto para o mesmo. Ou seja, a motivação é considerada um processo sócio-cognitivo em que os indivíduos se tornam motivados ou desmotivados através da avaliação das suas competências num contexto de realização e do significado do contexto para a pessoa, sendo essa aproximação sócio-cognitiva mais utilizada nos últimos anos. O estudo da motivação e seus efeitos no comportamento de realização consiste na investigação da intensidade, direcção e persistência do comportamento (Roberts, 2001).

Do ponto de vista cognitivo, a motivação pode ser definida como um modelo de organização de pelo menos um dos três construtos que direccionam e intensificam o comportamento de realização na actividade física: objectivos pessoais, estado de activação emocional e crenças pessoais (Duda, 2001). Estas três componentes são cruciais para o processo sócio-cognitivo na compreensão da motivação (Roberts, 2001).

A motivação diz respeito a um estado do organismo, responsável por um determinado comportamento, pelo que a motivação de um indivíduo é, na opinião de Fonseca (1993, p. 12), “resultante de factores internos (personalidade) e externos (situação) a si próprio”. Também Brito (2001) afirma que o motivo se manifesta ao nível interno (motivações primárias), embora possa ter sido desencadeado (provocado ou estimulado por elementos externos que vão ao encontro de impulsos, necessidades ou forças potenciais internas).

Existem dois tipos de motivações que se podem classificar de internas/intrínsecas e externas/extrínsecas. As internas estão relacionadas com factores profundos, instintos e necessidades; e as externas com estimulações e valores de ordem social, relacional, como por exemplo, o estatuto e afirmação. (Cruz, 1996a).

No desporto também existem motivações primárias (internas/intrínsecas) e secundárias (externas/extrínsecas). As motivações internas referem-se, sem dúvida à necessidade de movimento, o impulso e necessidade profunda e fundamental que impulsiona o indivíduo no sentido de uma actividade física que é essencial para o seu desenvolvimento e aquisições, isto é indivíduos intrinsecamente motivados são principalmente motivados pelo desempenho da actividade em si mesma por causa da competência (o desejo de participar em desafios e exercícios, e desenvolvimento de técnicas) e prazer (o desejo de ter divertimento, procurar interesse e ser estimulado) (Cruz, 1996a).

As motivações externas, são muito mais divulgadas pelos meios de comunicação social (triunfo, sucesso, popularidade, riqueza...), e um indivíduo extrinsecamente motivado participa para obter recompensas ou resultados (o

desejo de aumentar a sua própria aparência e de vencer). As motivações externas tornaram-se extremamente poderosas e adicionaram-se às motivações internas aumentando o desejo e interesse pela prática desportiva (Brito, 2001; Weinberg et al., 2000).

Segundo Cruz (1996b), quanto mais os atletas gostarem e tiverem prazer em praticar um determinado desporto, quanto mais tiverem investido nesse desporto, quanto mais oportunidades sentirem que são oferecidas pelo seu envolvimento desportivo, quanto mais “pressionados” se sentirem para continuarem a prática desportiva e quanto menos atractivas forem outras alternativas ao seu envolvimento desportivo, maior será o seu compromisso ou comprometimento com esse desporto.

Os teóricos dos objectivos de realização promoveram o uso de condições envolvendo a Tarefa como o melhor caminho para aumentar a motivação de todos os tipos de pessoas sem ter em consideração os seus níveis de competência percebida (Jagacinski et al., 2001). Um estudo efectuado pelos mesmos autores demonstrou que instruções baseadas na Tarefa levaram a uma melhor *performance* do que instruções baseadas no Ego (Jagacinski et al., 2001).

As pesquisas têm demonstrado que há uma certa relação entre o grau de orientação para a Tarefa e para o Ego dos indivíduos e as percepções de objectivos de realização nas pessoas importantes na vida daqueles (Duda e Whitehead, 1998). Para que tais resultados façam sentido, é necessário que os seus Treinadores estejam cientes dos motivos que levam os atletas à prática e da orientação dos seus objectivos de realização (se estes estão mais orientados para o Ego ou para a Tarefa), e quais as causas que os seus atletas consideram estar subjacentes ao seu sucesso desportivo.

A orientação motivacional para o Ego parece estabelecer maior interdependência com as competências. Cabe assim aos Treinadores procurar o melhor equilíbrio na aprendizagem, de modo a otimizar o treino, tendo ao mesmo tempo em consideração as dimensões pessoais e sociais (Gonçalves e Silva, 2004).

Os indivíduos parecem definir competências de perspectivas de orientação diferentes influenciando deste modo a forma como os atletas percebem o seu sucesso.

De acordo com as teorias de atribuição causal, o modo como os indivíduos percebem as causas de sucesso subjacente a um determinado acontecimento determina a forma como se orientarão ou não futuramente, para esse tipo de acontecimento (Biddle, 1993; Fonseca, 1999).

No contexto desportivo, o estudo das atribuições causais tem sido alvo de preocupação, visto ser a partir delas que as emoções, os afectos e os comportamentos se associam aos resultados desportivos.

A maneira como os atletas percebem e explicam os seus resultados apresenta uma relação com os seus comportamentos futuros podendo influenciar a sua motivação (Fonseca, 1996).

O Treinador é um gestor de pessoas, que são os atletas que treinam sob a sua orientação. O conhecimento que o Treinador possui relativamente aos atletas pode muitas vezes estar desajustado e descontextualizado, daí que se torna essencial o correcto conhecimento dos motivos que levam os jovens à prática do Futebol, para que a orientação delineada pelo Treinador se coadune com o interesse dos jovens, proporcionando-lhes uma participação activa na prática futebolística. (Ferreira e Gaspar, 2005).

Em suma, segundo Cruz (1996a) os Treinadores desempenham um papel crítico e decisivo e o modo como comunicam com os seus atletas influencia muitas vezes o impacto positivo ou negativo da experiência desportiva. Por isso se torna tão importante possuir um conhecimento das razões que levam os jovens à prática do Futebol, para poder comunicar e agir das formas mais correctas nas situações que se deparam no dia a dia. Além disso, no mundo do desporto, muitos potenciais bons atletas se perderão pelo caminho por incapacidade de ajustamento ao mundo dos adultos. A actuação do Treinador terá obrigatoriamente de equacionar uma atitude de compreensão e de respeito pelo “ser-se jovem”, pois só assim ele poderá ajudar o atleta a superar esta incapacidade momentânea de se relacionar com o mundo dos adultos criando

condições para o desenvolvimento e para a consolidação da identidade do jovem atleta, como pessoa e como futuro profissional (Ferreira e Gaspar, 2005).

É nossa convicção com este estudo que numa investigação sobre os motivos para a prática, os objectivos de realização e as causas de sucesso no Futebol, poderão fornecer elementos para o real conhecimento da população considerada, ou seja, o que fará com que os jovens dediquem tanto tempo, tanta energia e tantos sonhos a um desporto.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Motivos para a Participação Desportiva

O estudo dos motivos que levam os jovens a praticarem desporto tem vindo a assumir-se como uma das principais preocupações dos investigadores da Psicologia do Desporto, principalmente nos últimos anos, dada a quantidade de jovens envolvidos no desporto de competição. Segundo Fonseca (2000), uma grande quantidade de informação já foi escrita sobre motivação dos jovens na actividade física, e as razões da actividade para esse grupo de idade foram identificadas como uma prioridade na investigação. Wang e Biddle (2001) afirmam que é importante compreender os factores motivacionais associados à actividade física nos jovens.

Os psicólogos do desporto para além das razões pelas quais os jovens praticam desporto, têm-se interessado em entender por que os jovens persistem e continuam envolvidos na actividade desportiva (Fonseca, 2000; Weinberg et al., 2000). As razões dadas para a participação desportiva podem não ser só o que realmente motiva os indivíduos para a participação, mas também podem explicar alguma variância no comportamento no exercício físico (Koivula, 1999).

Rego (1995) refere ainda que todos os grandes sistemas teóricos reconhecem que todo o comportamento é motivado, o que equivale a dizer que subjacente a qualquer actividade está sempre um motivo, ou conjunto de motivos, de cuja influência o sujeito pode ter, ou não, consciência. Assim para entender o comportamento no contexto do Futebol, torna-se necessário identificar os motivos que o dinamizam e orientam.

Não há dois seres iguais: as diferenças são imensas nos aspectos físicos e psicológicos (Brito, 2001). Como as pessoas são diferentes logo os motivos que apresentam para praticar actividade física também são diferentes.

Segundo Brito (2001) o motivo é um factor dinâmico que age influenciando o comportamento ou conduta de um indivíduo na direcção de um objectivo, fim ou meta, consciente ou inconscientemente aprendidos.

É reconhecido que os motivos intrínsecos e extrínsecos são potenciais influenciadores quando um indivíduo toma decisões acerca da participação e envolvimento na actividade física / desporto (Weinberg et al., 2000). O clima do Futebol moderno faz com que o jogador esteja mais motivado por recompensas extrínsecas (externas), como o ganho financeiro, do que os motivos intrínsecos (internos, inerentes), tais como sentimentos de realização e o prazer de jogar (Horn, 2001).

De acordo com estudos internacionais, verificámos que os jovens praticam desporto não apenas por causa da influência de um determinado tipo de motivos, mas sim pela acção de um conjunto diversificado de motivos. Os motivos normalmente indicados pelos jovens como mais importantes para praticarem desporto relacionam-se fundamentalmente com cinco grandes categorias: competência, saúde, afiliação, desenvolvimento técnico e divertimento (Weinberg et al., 2000).

Um dos estudos mais sistemáticos neste domínio foi realizado por Gill, Gross e Huddleston (1983), que investigaram as razões para a participação desportiva junto de 720 rapazes e 418 raparigas americanas, de idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos e praticantes de várias modalidades: Basquetebol, Luta, Golfe, *Baseball*, Ténis, Atletismo, Futebol, Ginástica e Voleibol. Os investigadores usaram o “Questionário de Motivação para a Participação” que englobava 30 possíveis razões para a participação no desporto. Os resultados obtidos mostraram que as razões mais importantes para a participação desportiva eram as seguintes: melhorar as competências, divertimento, aprender novas competências, desafio e ser fisicamente saudável. Paralelamente, a análise das respostas permitiu identificar várias dimensões da motivação para a participação desportiva: realização/estatuto, orientação para a equipa, saúde física, descarga de energias, factores situacionais, desenvolvimento de competências, amizade e divertimento.

Num dos estudos mais recentes, efectuado com jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, por Weinberg et al. (2000), acerca dos motivos para a participação em actividades físicas e desportos de competição, foram encontradas diferenças nos motivos para a participação naquelas actividades. No desporto de competição, os motivos intrínsecos considerados como mais importantes foram o divertimento e o aperfeiçoamento das técnicas, enquanto os extrínsecos foram o ficar em forma e o estatuto/reconhecimento. Os autores com este estudo concluíram, que tanto os motivos intrínsecos como os extrínsecos pareciam importantes para a participação nos desportos de competição.

De acordo com estudos realizados em Portugal, os resultados das investigações têm demonstrado um panorama semelhante ao verificado a nível internacional, isto é, os jovens portugueses também apresentam como razão para a sua prática desportiva uma diversidade de motivos (e.g. Cruz e Costa, 1997; Fonseca, 1995; Fonseca e Maia, 2000). Os motivos indicados pelos jovens como sendo os mais importantes estão relacionados com a competência, a saúde / forma física, a filiação e o divertimento (Fonseca, 2000). Os motivos que parecem exercer menos influência na decisão dos jovens para a prática desportiva estão relacionados com o estatuto e emoções (e.g. Aguiar, 2000; Braga, 2003; Esteves, 2001; Fonseca e Maia, 2000; Freitas, 1997; Nunes, 1995; Rego, 1995; Sousa, 2003).

O primeiro trabalho efectuado em Portugal surgiu por Cruz (1986, cit. por Ferreira, 1999), e estudou a motivação para a prática de Andebol num grupo de 29 atletas com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos de idade (Juvenis), que participaram nos trabalhos de preparação de uma selecção regional (Braga). Os motivos mais importantes encontrados foram o desenvolvimento de capacidades, a forma física e a orientação para a equipa, enquanto os menos importantes foram a descarga de energias, o estatuto e o divertimento.

Num outro estudo realizado recentemente por Braga (2003), com 56 atletas de Atletismo do sexo masculino e feminino, é possível observar que os

jovens privilegiam, de um modo geral, os motivos intimamente relacionados com a procura de desenvolvimento das suas competências técnicas, com a competição e com a afiliação. Este mesmo estudo revela que a prática desportiva dos jovens parece não decorrer apenas da influência de um único tipo de motivos, mas sim da acção conjugada das diversas dimensões motivacionais. No entanto, Fonseca e Maia (2000) salvaguardam que embora as dimensões motivacionais mantivessem relações entre si, estas apresentavam-se relativamente distintas umas das outras.

Num dos estudos mais recentes, Fernandes (2004) verificou que os desportistas são influenciados por múltiplas razões. Os resultados mostraram que a melhoria e desenvolvimento de competências, a forma física, a atmosfera de equipa e o desafio foram os aspectos mais valorizados, enquanto os motivos ser popular e conhecido, ter a sensação de ser importante e pretexto para sair de casa são os menos valorizados.

Relativamente ao Futebol, Griffin (1978, cit. por Ferreira, 1999) realizou um estudo com 531 atletas de Futebol, com idades compreendidas entre os 9 e os 15 anos, com o intuito de analisar os motivos mais importantes que levavam os jovens para a prática desportiva no Futebol. O divertimento, estar em forma, conhecer novos amigos, trabalhar em equipa e aprender a jogar pareciam ser motivos privilegiados por esta amostra.

Num estudo elaborado por Thill e Brunel (1995), com jogadores de Futebol profissional da 1ª e 2ª ligas Francesas, consistia em os atletas executarem uma série de penalties para uma baliza dividida em seis compartimentos e de seguida, responderem ao questionário, *Task-Specific Motivacional Questionnaire*, que procurava determinar sob o ponto de vista do atleta, os motivos que conduzem ao sucesso do remate e concluiu-se que quando os jogadores estão mais interessados em fazer o seu melhor sem levarem em consideração o desempenho dos outros, utilizam uma percepção de competência menos diferenciada. Quando o objectivo do indivíduo é aprender para seu próprio bem, ou seja, a aprendizagem é um fim em si mesmo, um *feedback* acerca da sua falha pode significar menos esforço despendido numa

realização futura; se, pelo contrário, aprender é considerado um meio para atingir um fim, o indivíduo tem uma percepção de competência mais diferenciada.

Um estudo de Sousa (2003) procurou verificar os motivos para a prática junto de 192 jovens futebolistas, entre os 15 e os 19 anos. De um modo geral, os resultados obtidos mostraram que os motivos mais importantes eram a Competência Técnica, a Competição e a Afiliação Geral. Por outro lado os motivos menos importantes foram o Estatuto e as Emoções.

Resumindo, a análise da investigação sobre os motivos para a participação no desporto evidencia vários motivos para a prática e competição desportiva. No entanto alguns parecem ser sistemática e frequentemente referidos como mais importantes. É o caso da melhoria de competências, divertimento, estar com os amigos, fazer novos amigos, experienciar desafios ou excitação, atingir o sucesso ou vencer e desenvolver/manter a forma física (Cruz, 1996a).

2.1.1. A Influência das Variáveis da Idade e do Sexo nos Motivos para a Prática

É importante referir que os motivos para a prática são influenciados pelo sexo, idade, ou modalidade, entre outros aspectos. De facto, uma investigação realizada sobre os motivos para a competição e prática desportiva sugeriu importantes diferenças motivacionais em função da idade, do sexo, da modalidade, prática e experiência, capacidade e competência, entre outras variáveis individuais (Fonseca, 1995). De acordo com Koivula (1999) os motivos para a participação no desporto são influenciados por muitos factores, tais com a idade e o sexo.

Fonseca (1995) refere também que os motivos que levam os atletas à prática de uma modalidade desportiva parecem ser influenciados por algumas das suas características, como a idade, o sexo, o tipo de desporto praticado, os anos de prática, a habilidade / competência, a raça e o estatuto menarcal.

Relativamente às diferenças entre idades, podemos dizer que pessoas diferentes praticam exercício por razões diferentes. As pessoas adultas podem ter prioridades diferentes dos jovens, logo estão motivados para o exercício por diferentes factores (Campbell, et al., 2001).

Os resultados das investigações internacionais revelam que os motivos para a participação numa variedade de desportos e actividades físicas diferem de acordo com a idade: enquanto para os mais jovens os motivos são o divertimento e aprendizagem de novas técnicas, para os mais velhos as razões pelo qual aderem à actividade física são a saúde, a forma física e o relaxamento (Weinberg et al., 2000). Num estudo com 916 participantes em actividades desportivas dos 16 aos 74 anos de idade encontraram várias diferenças entre os jovens e adultos no que diz respeito aos motivos para a prática desportiva. Enquanto para os mais novos os motivos são o divertimento e aprendizagem de novas técnicas, para os mais velhos as razões pelo qual aderem à actividade física são a saúde, a forma física (Campbell et al., 2001).

Esta tendência foi confirmada num estudo realizado em Portugal por Fonseca e Maia (2000) com 1816 jovens praticantes federados de várias modalidades desportivas, que mostra que as diferenças relativamente à idade podem decorrer de uma tendência que os indivíduos mais novos aparentemente evidenciam para atribuir valores mais altos a todos os motivos.

Relativamente ao Futebol, Nunes (1995) investigou os motivos associados à participação desportiva de 46 jovens futebolistas com idades diferentes. Neste estudo, verificou-se que os motivos mais importantes para os iniciados (13-14 anos) estavam relacionados com a aptidão física e as actividades de grupo. Pelo contrário, os juniores (17-18 anos) afirmam que aquilo que os levava a praticarem Futebol era a possibilidade de desenvolver as capacidades físico-desportivas e o desejo de estar com os amigos. Também Esteves (2001) verificou que o desenvolvimento técnico e a afiliação geral foram considerados pelos mais novos e mais velhos, como os motivos mais importantes para a prática do Futebol.

No que diz respeito às diferenças entre sexos, os motivos para a participação desportiva diferem não só naquilo que eles significam, mas também na importância atribuída por eles (Koivula, 1999).

Um recente estudo internacional investigou a existência de diferenças nos motivos para a participação de desporto de competição, em função do sexo, revelou que para as raparigas os motivos como o divertimento, a forma física e trabalhar em equipa eram os mais importantes do que para os rapazes, enquanto a competição e o estatuto são os motivos mais fundamentais para os rapazes (Weinberg et al., 2000). É de realçar que, foram encontradas diferenças entre os sexos no que diz respeito aos motivos para a prática desportiva.

Num estudo realizado em Portugal por Fonseca e Maia (2000), os resultados apresentam-se convergentes com estudos anteriormente realizados e parecem corroborar a noção de que o desporto para os rapazes assume uma perspectiva mais orientada para o confronto com os seus pares, enquanto que, para o sexo feminino, os motivos que as levam a praticar actividades desportivas parecem subscrever-se a motivações de ordem social ou afiliativa. Estes resultados estão de acordo com o referido por Fonseca (1995), mas este autor sugere existir alguma inconsistência entre as conclusões das diversas investigações desenvolvidas em Portugal acerca da influência que o sexo parece exercer nos motivos para a prática desportiva.

Relativamente ao Futebol num trabalho realizado por Freitas (1997), com 187 futebolistas do sexo masculino, os principais motivos das crianças e jovens para o envolvimento desportivo foram a melhoria de capacidades físico-desportivas, a competição e os motivos associados à afiliação. Os motivos menos referidos foram os relacionados com o estatuto e com as emoções.

Em suma, os motivos sociais e relacionados com o corpo são os mais relevantes nas mulheres, enquanto a competição e competência são para os homens. É possível que emergem face às expectativas que a sociedade tem acerca do próprio comportamento da mulher e do homem (Koivula, 1999).

2.2. Objectivos de Realização

O número de crianças e adolescentes que regularmente se envolvem no desporto adulto organizado fora do sistema escolar faz dessa actividade um dos mais populares contextos de realização entre a população jovem. Compreender e aumentar a motivação constitui por esta razão um tópico com muito significado da investigação para os interessados no desenvolvimento das crianças e adolescentes (Treasure, 2001).

Para compreendermos melhor a motivação e os comportamentos dos indivíduos temos que compreender os seus objectivos de realização (*achievement goals*), isto é, o que eles procuram alcançar através desses mesmos comportamentos. É de referir que este construto é também descrito na literatura como orientações cognitivas (*cognitive orientations*), ou por orientações motivacionais (*motivational orientations*) (Fonseca, 1999). A teoria dos objectivos de realização é a mais usada para compreender a motivação (Duda, 2001; Roberts, 2001).

O estudo da motivação para a realização preocupa-se com o objectivo do comportamento, incluindo a causa, a direcção e as consequências dessa actividade. Preocupa-se com a forma como os indivíduos abordam, se empenham e respondem a actividades de realização, bem como as razões porque se empenham e têm certos comportamentos de realização (Ames, 1992).

Para uma melhor compreensão da motivação, comportamentos e atitudes dos indivíduos face aos contextos desportivos, é fundamental compreendermos os seus objectivos de realização, ou seja, o que é que pretendem alcançar com esses mesmos comportamentos e atitudes. Neste sentido, é de salientar que os diferentes comportamentos dos atletas podem dever-se não só a diferentes níveis motivacionais, mas também a diferentes percepções dos objectivos que pretendem alcançar.

De acordo com Nicholls (1984), o comportamento de realização é definido como o comportamento em que o objectivo é desenvolver ou demonstrar elevada habilidade, ou evitar demonstrar baixa habilidade. Daí que o objectivo da acção, na teoria dos objectivos de realização, é assumido como a demonstração de competência.

Apesar de habitualmente serem utilizadas as designações de Tarefa e Ego (Nicholls, 1984) para identificar os objectivos de realização, alguns autores têm por vezes proposto designações relativamente distintas para os mesmos objectivos de realização: o primeiro objectivo de realização denomina-se também por orientação para a *performance* (Dweck, 1986 cit. por Cruz, 1996a) ou orientação para a capacidade (Ames, 1992). O segundo objectivo de realização pode também denominar-se orientação para a aprendizagem (Dweck, 1986 cit. por Cruz, 1996a) ou orientação para a mestria (Ames, 1992). No presente estudo vamos utilizar as designações de Tarefa e Ego.

Importa ainda salientar que apesar das evidentes diferenças entre as duas dimensões, a literatura tem sublinhado a ortogonalidade destas duas orientações, o que permite que as dimensões Ego e Tarefa se constituam como independentes uma da outra; logo, é possível que um atleta esteja não só bastante orientado para a Tarefa mas também para o Ego (Nicholls, 1984; Fonseca e Maia, 2000; Roberts, 2001).

Os indivíduos altamente orientados para a Tarefa atribuem o sucesso ao esforço; em contraste, indivíduos altamente orientados para o Ego atribuem o sucesso à habilidade. Um objectivo de realização orientado para a Tarefa relaciona-se quando os jovens definem sucesso de um modo auto-referenciado, procurando assim melhorar as suas execuções ou aprender novas execuções como por exemplo a melhoria do rendimento pessoal, a realização bem sucedida de um gesto técnico, execução completa de uma tarefa (Cruz, 1996a; Biddle, 1999; Fonseca, 1999; Treasure, 1999; Hatzigeorgiadis, 2002). Segundo Fonseca (2000, p.166) “tem vindo a ser demonstrado não só que a uma maior orientação para a Tarefa por parte dos jovens corresponde uma maior persistência e satisfação relativamente à

realização de tarefas inertes ao processo desportivo, mas também a uma elevada orientação para o Ego se associam índices mais reduzidos de empenho na realização dessas mesmas tarefas”.

O objectivo da acção para um indivíduo orientado para o Ego consiste na demonstração de habilidade relativamente aos outros, ou seja, ser melhor que os outros, então a habilidade é referenciada aos outros. O sucesso é alcançado após ter realizado melhor do que os outros, especialmente quando se esforçam menos do que os outros. Estes indivíduos usam um conceito diferenciado de habilidade para avaliar a competência (Duda, 2001; Georgiadis et al., 2001; Lemyre et al., 2002; Roberts, 2001). No caso do Futebol, estes indivíduos lutam para serem melhores que os outros, tentam marcar mais golos ou, simplesmente, fazem tudo para ganhar o jogo (Biddle, 1999).

De acordo com estudos internacionais, o nível de competição influencia as orientações dos indivíduos. Num estudo com jogadores de Rugby, Treasure et al. (2000) verificaram que os jogadores profissionais eram mais orientados para a Tarefa do que para o Ego em relação aos jogadores amadores. Isso mesmo foi verificado num estudo efectuado com atletas femininas praticantes de atletismo ao demonstrar que as que tinham mais habilidade (elite) estavam mais orientadas para o Ego (Eley e Page, 1999).

Num estudo realizado por Weinberg et al., (2000) descobriram que na generalidade os rapazes são mais motivados por objectivos orientados para o Ego (estatuto / competição), enquanto as raparigas estavam motivadas por objectivos orientados para a Tarefa (cooperação / aprendizagem de técnicas).

Relativamente ao Futebol, Carpenter e Yates (1997), num estudo com 132 jogadores masculinos verificaram que os amadores eram mais orientados para a Tarefa do que os semiprofissionais.

Os resultados encontrados num estudo realizado em Portugal por Fonseca e Maia (2000), numa amostra cujo escalão etário se situava entre os 12 e 18 anos de idade mostraram valores claramente superiores relativamente à orientação para a Tarefa, comparativamente à orientação para o Ego. Esta

elevada orientação para a Tarefa é considerada benéfica ao nível do empenhamento e persistência na prática desportiva (Roberts, 1992), podendo concluir-se que os indivíduos tendem a orientar-se mais intensamente para a realização de tarefas do que para a comparação dos seus níveis de rendimento com os seus pares.

Relativamente ao Futebol, num estudo realizado por Sousa (2003), verificou-se claramente que os jovens da ilha de S. Miguel estão mais orientados para a Tarefa do que para o Ego.

Vários autores afirmam que os jovens se orientam mais para a Tarefa do que para o Ego (e.g. Braga, 2003; Harwood e Swain, 1998; Hatzigeorgiadis, 2002; Hatzigeorgiadis e Biddle, 1999; King e Williams, 1997; Lemyre et al., 2002; Newton e Duda, 1999; Ntoumanis, 2001; Spray et al., 1999; Sousa, 2003; Steinberg et al., 2001; Wang e Biddle, 2001), e numa revisão elaborada por Duda e Whitehead (1998) sobre mais 135 estudos sobre este tema, efectuados entre 1989 e 1997, verificaram, igualmente, que de uma forma geral os indivíduos orientam-se mais para a Tarefa do que para o Ego.

Em suma, a investigação desportiva tem demonstrado que focando a atenção em objectivos para a Tarefa é mais benéfico para a realização a longo termo do que centrando a atenção em objectivos para o Ego. A investigação é clara numa coisa, uma orientação para a Tarefa é motivacionalmente positiva (maior satisfação, mais motivação intrínseca e auto-determinação). Por essa razão a orientação para a Tarefa é boa isolada ou combinada com uma elevada orientação para o Ego (Ames, 1992; Biddle, 1999; Duda, 2001; Duda e Whitehead, 1998; Roberts, 2001; Serpa, 1998).

2.2.1. Influência das Variáveis da idade e do sexo nos Objectivos de Realização

A partir da adolescência, os jovens orientam-se do ponto de vista cognitivo para a perseguição de dois tipos de objectivos de realização (objectivos centrados na Tarefa ou no Ego). Assim manifestam uma tendência para estar muito e/ou pouco orientados para a Tarefa e para o Ego.

Relativamente à variável da idade, há estudos que demonstraram que as crianças com o avanço da idade orientam-se mais para a Tarefa do que para o Ego (e.g. Angélico, 2000; Duda et al., 1995; Esteves, 2001; Fonseca e Maia, 2000; Sousa, 2003). Relativamente ao Futebol, Cruz (2001) realizou um estudo com jovens que demonstrou que os mais velhos orientavam-se mais para a Tarefa do que os mais novos, mas também é de referir que ambos se orientam mais para a tarefa.

Quanto à variável do sexo, num estudo internacional realizado por Spray et al., (1999) no domínio da educação física, demonstrou que os estudantes do sexo masculino eram mais orientados para o Ego do que os do sexo feminino, no entanto ambos eram mais fortemente orientados para a Tarefa do que para o Ego. Uma pesquisa com jogadores de basquetebol demonstrou igualmente que as raparigas apresentaram valores superiores na orientação para a Tarefa e valores mais baixos na orientação para o Ego em relação aos rapazes, porém, ambos os sexos estavam mais orientados para a Tarefa (Kavassanu e Roberts, 2001). Também um estudo com atletas universitários Britânicos demonstrou que os rapazes eram significativamente mais elevados na orientação para o Ego do que as raparigas (Ntoumanis, 2001).

Analisando os resultados de um estudo realizado em Portugal por Fonseca e Maia (2000) 1603 praticantes federados de várias modalidades desportivas verificou-se que as raparigas se orientavam mais para a Tarefa e os rapazes mais para o Ego, contudo os valores atribuídos por cada um dos grupos aos diferentes tipos de objectivos de realização não atingiram significado estatístico.

Igualmente num estudo realizado por Braga (2003) com jovens do atletismo verificou-se que os rapazes se orientavam mais para o Ego do que as raparigas, mas constatou-se que ambos os grupos se orientavam mais para a Tarefa.

2.3. Crenças Quanto às Causas de Sucesso

Quando falamos em crenças quanto às causas de sucesso, referimo-nos ao modo como as pessoas interpretam os seus resultados no que concerne às causas que lhes estiveram subjacentes (Fonseca, 1996). No contexto desportivo há uma constante procura de explicações ou de possíveis causas para os diferentes acontecimentos (Durand, 1997 cit. por Fonseca, 1996).

As teorias da atribuição dizem respeito à forma como as pessoas explicam os acontecimentos que vivenciam, e como refere Alves et al. (1996), a atribuição causal é o modo como as pessoas explicam para si próprias os resultados que obtêm as actividades a que se dedicam. Segundo Biddle (1993), a teoria atribucional de Weiner (1986), tem sido a mais utilizada em contextos de actividade física e desportiva, por parte dos investigadores das atribuições. No que concerne a estudos em que a teoria de Weiner (1986) foi aplicada, as causas explicativas para os resultados dos atletas não tem sido consistente (Fonseca, 1993).

Os indivíduos parecem definir competências de perspectivas de orientação diferentes influenciando deste modo a forma como os atletas percebem o seu sucesso. Assim, enquanto que uns procuram demonstrar a sua competência relativamente a outros atletas (o objectivo é ser melhor que os outros, demonstrando melhores índices de capacidade), os outros demonstram competência relativamente a si mesmos (o objectivo é melhorar continuamente as suas capacidades).

De acordo com Novais e Fonseca (1998, p.451) “a investigação desenvolvida em contextos desportivos e de actividade física (e.g. Duda, 1993; Duda et al., 1992; Papaioannou, 1995; Sarrazin et al., 1995), tem vindo a evidenciar que crianças e jovens que diferem nos seus objectivos de realização apresentem igualmente diferentes perfis motivacionais e diferentes crenças em relação ao sucesso”.

Os indivíduos que foram sujeitos a um estudo internacional (Newton e Duda, 1993), indicaram que as principais crenças quanto às causas para o sucesso estavam relacionadas com o esforço, motivação e colaboração dos colegas e estas pareceram estar relacionadas com uma orientação para a tarefa. Por sua vez, as crenças quanto às causas para o sucesso menos mencionadas pelos atletas estavam relacionadas com os factores externos, o uso de ilegalidade e competência/habilidade atlética superior, parecendo que estas estavam relacionadas com uma orientação para o ego.

Num estudo realizado em Portugal por Fonseca e Maia (2000) concluiu-se que, na generalidade, os atletas consideram que, na sua opinião, as causas mais determinantes para a obtenção do sucesso no desporto, estão associados fundamentalmente com a motivação/esforço e também com a competência.

No que se refere ao eventual impacto exercido pelos factores externos na obtenção do sucesso desportivo, Fonseca e Maia (2000) concluíram que os jovens, na sua globalidade, minimizam a influência deste tipo de variáveis.

Relativamente ao Futebol, foi realizado um estudo por Esteves (2001), com jovens futebolistas, que pareceu mostrar que as causas mais indicadas para obter o sucesso foram as relacionadas com a Motivação/Esforço e as menos consideradas foram as causas externas. Estes resultados pareceram demonstrar que os jovens estavam no bom caminho para obter sucesso, pois acreditam que se esforçarem conseguiram obter sucesso.

Em suma, dentro dos processos condicionantes do desenvolvimento da motivação, talvez o mais importante a gerir pelo técnico seja a atribuição causal, ou seja, o Treinador deve estar consciente das explicações que os seus atletas dão a si mesmos para justificarem os resultados obtidos e saber intervir sempre que necessário (Serpa et al., 1996).

Paralelamente, é importante que o Treinador saiba elaborar explicações (atribuições causais) correctas para as determinadas situações (Fonseca, 1996), reconhecendo, por exemplo, as razões que estão na base de pontuais

ou constantes sentimentos de impotência por parte dos seus atletas. Parece que se soubermos qual a orientação dos objectivos de realização dos atletas, mais facilmente compreenderemos a forma como eles explicam e interpretam as suas experiências desportivas (Duda, 1992). E também não podemos esquecer que um dos aspectos que mais responsabiliza os Treinadores nestes contextos é o impacto que as suas próprias explicações dos acontecimentos podem causar nos seus atletas (Fonseca, 1996), pois estes tendem a avaliar o seu rendimento consoante os critérios e as referências dos seus Treinadores.

2.4. Relação entre as dimensões dos Motivos para a Prática, Objectivos de Realização e Crenças quanto às Causas de Sucesso

A estruturação do clima motivacional tem um contributo forte dos motivos para a prática, na orientação dos objectivos de realização e nas crenças quanto às causas de sucesso, e estes dão expressão às orientações motivacionais dos jovens futebolistas. Neste sentido vamos verificar a existência de correlações entre estas dimensões motivacionais.

Correlacionando os objectivos de realização com os motivos para a prática desportiva, num estudo realizado por Zahariadis e Biddle (1999) com 412 jovens entre os 11 e os 16 anos praticantes de Desporto, verificou-se que a orientação para a tarefa se correlacionava positivamente com o desenvolvimento das habilidades e com a equipa e negativamente com o estatuto/reconhecimento. Por sua vez, a orientação para o ego correlacionava-se positivamente com o estatuto/reconhecimento e negativamente com a equipa.

Nos últimos anos vários estudos têm tido como pressuposto relacionar os objectivos de realização com diferentes aspectos, tais como o divertimento, o interesse, a satisfação e afectividade, as crenças sobre as causas do sucesso no desporto, a motivação intrínseca e o clima motivacional (Duda e Whitehead, 1998).

Como podemos constatar, os jovens que tenham uma orientação para a tarefa correspondem a motivos intrínsecos para se envolverem no desporto. Os jovens que tenham uma orientação para o ego correspondem a factores externos, onde a comparação com os outros está patente.

Perante a investigação realizada no âmbito do desporto, alguns autores, como Ames (1992) ou Duda (1992), sugerem que existe uma forte relação

entre os objectivos de realização, as atribuições causais do desempenho desportivo e as crenças quanto às causas de sucesso.

De acordo com Duda e Whitehead (1998), foram desenvolvidos vários estudos relacionando as crenças de sucesso com os objectivos de realização (e.g. Duda et al., 1992; Duda e White, 1992; Newton e Duda, 1993). Esta constatação já tinha sido referida por Newton e Duda (1993), afirmando que algumas investigações têm tido como análise de estudo a relação entre as diferenças individuais ao nível dos objectivos de realização e as crenças pessoais sobre as causas de sucesso no Desporto (e.g. Duda et al., 1992; Duda e Nicholls, 1992; Duda e White, 1992).

Numa análise a alguns estudos realizados neste âmbito, podemos referir que num deles, desenvolvido por Duda e Nicholls (1989), os indivíduos orientados para a tarefa não acreditavam que “fazer batota” ou enganar o Treinador eram formas de atingir o sucesso, enquanto que atletas com objectivos de realização orientados para o ego pareciam acreditar que o facto de serem mais talentosos ou mais espertos eram factores que os levavam a ter mais sucesso no desporto (Duda, 1992).

Sucintamente, estes trabalhos indicaram que uma orientação para o ego atribui mais ênfase às habilidades (minimizando o papel do esforço no resultado obtido), enquanto que os indivíduos mais orientados para a tarefa tendem a atribuir a responsabilidade do seu sucesso ao esforço despendido.

3. OBJECTIVOS

Os objectivos para o presente trabalho foram:

- Identificar os motivos que levaram os jovens a praticarem Futebol, na amostra total e em função da idade;
- Identificar os objectivos de realização dos jovens federados, na amostra total e em função da idade;
- Identificar as crenças quanto às causas de sucesso no Futebol, na amostra total e em função da idade;
- Analisar a relação entre as diferentes dimensões motivacionais em estudo na amostra global, e sub-amostras dos juvenis e juniores.

4. METODOLOGIA

4.1. Caracterização da Amostra

No presente estudo questionámos 260 atletas de Futebol de diferentes clubes pertencentes ao Vale do Sousa e federados na Associação de Futebol do Porto e na Federação Portuguesa de Futebol nos escalões de Juvenis (n=143) e de Juniores (n=117).

Como podemos verificar na figura 1, os atletas questionados foram provenientes de 14 equipas pertencentes a 5 clubes diferentes:

- AD Lousada (Juvenis e Juniores);
- FC Marco (Juvenis e Juniores);
- FC Paços de Ferreira (Juvenis A, Juvenis B, Juniores A e Juniores B);
- FC Penafiel (Juvenis A, Juvenis B, Juniores A e Juniores B);
- USC Paredes (Juvenis e Juniores).

Os atletas tinham idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos de idade, sendo a média de idades da amostra de 16,71 anos (+/- 1,097).

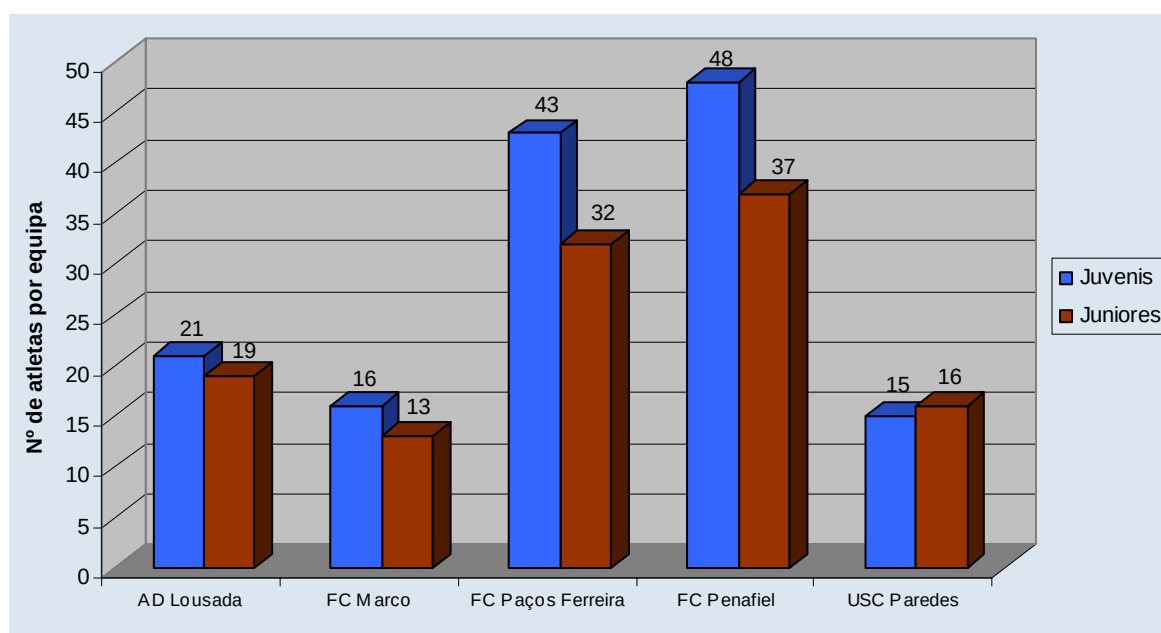


Figura 1 – Número de atletas por clube e escalão

4.2. Instrumentos

Os instrumentos de pesquisa utilizados neste estudo foram:

- O Questionário de Motivação para as Actividades Desportivas (**QMAD**), versão traduzida por Serpa e Frias, do PMQ (*Participation Motivation Questionnaire*) de Gill, Gross, e Huddleston (1983). Este questionário comporta 32 itens, cada um deles descrevendo razões que levam à participação em actividades desportivas. Para o seu preenchimento, é solicitado aos indivíduos que indiquem, através de uma escala de *Likert* de 5 pontos (1 - nada importante, 2 - pouco importante, 3 - importante, 4 - muito importante, 5 - totalmente importante), a importância que cada um dos motivos assume na sua decisão de praticar desporto.

Os 32 motivos constituintes do QMAD agrupam-se em 8 categorias ou dimensões motivacionais mais abrangentes. Estas categorias são: Estatuto, Emoções, Prazer, Competição, Forma Física, Desenvolvimento de Competências, Afiliação Geral e Afiliação Específica.

- O Questionário de Orientação para a Tarefa e para o Ego no Desporto (**TEOSQp**), pretende avaliar a orientação motivacional para a Tarefa e para o Ego no desporto, sendo uma versão traduzida e adaptada (Fonseca, 1999) para a realidade Nacional do *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ) elaborado por Duda e Nicholls (1989).

O TEOSQp é constituído por uma lista de 13 afirmações relativas aos objectivos de realização perseguidos pelos indivíduos no âmbito da prática desportiva. As afirmações deste questionário agrupam-se em duas dimensões que reflectem diferentes orientações para a prática desportiva: orientação para o Ego e orientação para a Tarefa.

- A Escala de Causas para o Sucesso no Desporto (**CSSp**), propõe-se avaliar as crenças dos indivíduos sobre um conjunto de possíveis causas dos seus resultados desportivos. A versão utilizada foi

traduzida e adaptada por Fonseca e Biddle (2001), para a realidade Nacional do *Causes of Success in Sport Scale* (CSS) elaborado por Roberts e Treasure (1995).

O CSSp é constituído por uma lista de 17 causas que podem levar à obtenção de sucesso no desporto. Estas causas agrupam-se em 3 categorias distintas: Motivação / Esforço, Competência e Factores Externos.

4.3. Procedimentos

Os questionários foram aplicados no decorrer da época desportiva 2005/2006, após a autorização dos Treinadores. Estes foram preenchidos no início da sessão de treino e foram aplicados tendo em conta a disponibilidade dos Treinadores.

Antes do preenchimento dos questionários explicámos o objectivo do estudo, bem como do questionário; foi igualmente pedido aos jogadores a maior sinceridade nas respostas dadas.

Quanto aos procedimentos estatísticos, recorreremos ao programa da análise estatística SPSS e das diversas técnicas que integram este programa, como:

- Estatística descritiva: média (M) e desvio-padrão (Dp);
- Estatística Inferencial: *test t de Student* (t) para estudos comparativos em função da idade e a correlação linear de *Pearson* (r).

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

De seguida, apresentamos os resultados do nosso estudo e a respectiva análise dos motivos para a prática, dos objectivos de realização e das crenças quanto às causas de sucesso no Futebol, tendo sempre em atenção os objectivos enunciados para o presente estudo.

5.1. Análise dos Resultados Globais da Amostra

5.1.1. Motivos para a Prática do Futebol

Pela análise do quadro 1 podemos verificar os valores das estatísticas descritivas para cada uma das dimensões motivacionais, que os jovens futebolistas evocaram para a prática da modalidade de Futebol.

No que concerne aos motivos que levam os jovens a praticar Futebol, verificamos que as dimensões dos motivos com valores mais elevados foram a competição, a competência técnica e a afiliação geral. Pelo contrário, os motivos que pareceram ser menos relevantes na decisão dos atletas praticarem Futebol, estão relacionados com o estatuto e as emoções.

Quadro 1 – Estatísticas descritivas das Dimensões Motivacionais

DIMENSÕES	n	Média ± Dp	Mínimo	Máximo
Estatuto	260	2.94±0.78	1.13	5.00
Emoções	260	3.18±0.91	1.00	5.00
Prazer / Tempos Livres	260	3.69±0.66	2.00	5.00
Competição	260	4.18±0.71	2.00	5.00
Forma Física	260	3.71±0.80	1.00	5.00
Competência Técnica	260	4.23±0.60	1.67	5.00
Afiliação Geral	260	3.90±0.81	1.33	5.00
Afiliação Específica / Equipa	260	3.57±0.63	2.00	5.00

5.1.2. Objectivos de Realização referentes à Prática de Futebol

O quadro 2 mostra-nos alguns valores descritivos dos resultados encontrados neste estudo relativamente às dimensões dos objectivos de realização.

No quadro anterior, observamos que os valores apresentados parecem mostrar que os jovens Futebolistas da região do Vale do Sousa orientam-se muito mais para a tarefa do que para o ego.

Quadro 2 – Estatísticas descritivas dos Objectivos de Realização

DIMENSÕES	n	Média ± Dp	Mínimo	Máximo
Tarefa	260	4.15±0.52	2.57	5.00
Ego	260	2.37±0.81	1.00	5.00

5.1.3. Crenças quanto às Causas de Sucesso no Futebol

Pela análise do quadro 3 podemos verificar os valores das estatísticas descritivas para cada uma das causas para o sucesso na prática da modalidade de Futebol. Segundo os valores registados, verificámos que a maioria dos jovens futebolistas consideraram que as causas de sucesso mais relevantes na prática do Futebol estavam associadas à motivação e ao esforço. Por outro lado, os factores externos surgiram como sendo os que menos contribuem para o sucesso.

Quadro 3 – Estatísticas descritivas para as crenças quanto às causas de sucesso para o Futebol

DIMENSÕES	n	Média ± Dp	Mínimo	Máximo
Motivação / Esforço	260	4.62±0.44	2.57	5.00
Habilidade	260	3.59±0.85	1.00	5.00
Factores Externos	260	2.36±0.95	1.00	5.00

5.2. Diferenças nos Motivos para a Prática, Objectivos de Realização e Causas de Sucesso, em função da idade dos atletas

5.2.1. Motivos para a Prática do Futebol em função da idade dos atletas

No quadro 4 podemos verificar as diferenças entre as idades dos atletas. No que concerne aos motivos que levam os jovens de diferentes idades a praticar Futebol, pudemos verificar que os mais velhos (juniores) atribuem mais importância às dimensões competição e afiliação geral do que os mais novos (juvenis), sendo estas diferenças estatisticamente significativas. Por outro lado os juvenis atribuíram mais importância ao estatuto, emoções e forma física do que os juniores.

Quadro 4 – Diferenças entre os Juvenis e Juniores relativamente aos Motivos para a prática

DIMENSÕES	JUVENIS		JUNIORES		t test	
	n	Média ± Dp	n	Média ± Dp	t	p
Estatuto	143	3.02±0.76	117	2.84±0.79	1.90	0.06
Emoções	143	3.20±0.94	117	3.16±0.87	0.38	0.70
Prazer / Ocupação dos Tempos Livres	143	3.67±0.71	117	3.72±0.59	-0.58	0.56
Competição	143	4.06±0.74	117	4.32±0.67	-2.95	0.00
Forma Física	143	3.75±0.78	117	3.67±0.83	0.83	0.41
Competência Técnica	143	4.20±0.60	117	4.27±0.61	-0.90	0.37
Afiliação Geral	143	3.76±0.85	117	4.05±0.74	-2.94	0.00
Afiliação Específica / Equipa	143	3.56±0.64	117	3.57±0.62	-0.15	0.88

p<0.05

Pela análise da figura 2, podemos facilmente constatar que as maiores diferenças se verificaram nas dimensões da competição e da afiliação geral. Quanto aos motivos mais enunciados para a prática do Futebol, verificou-se que se destacam a competição, competência técnica e afiliação geral. De igual modo os motivos menos evocados foram os mesmos nos dois escalões que são o estatuto e as emoções.

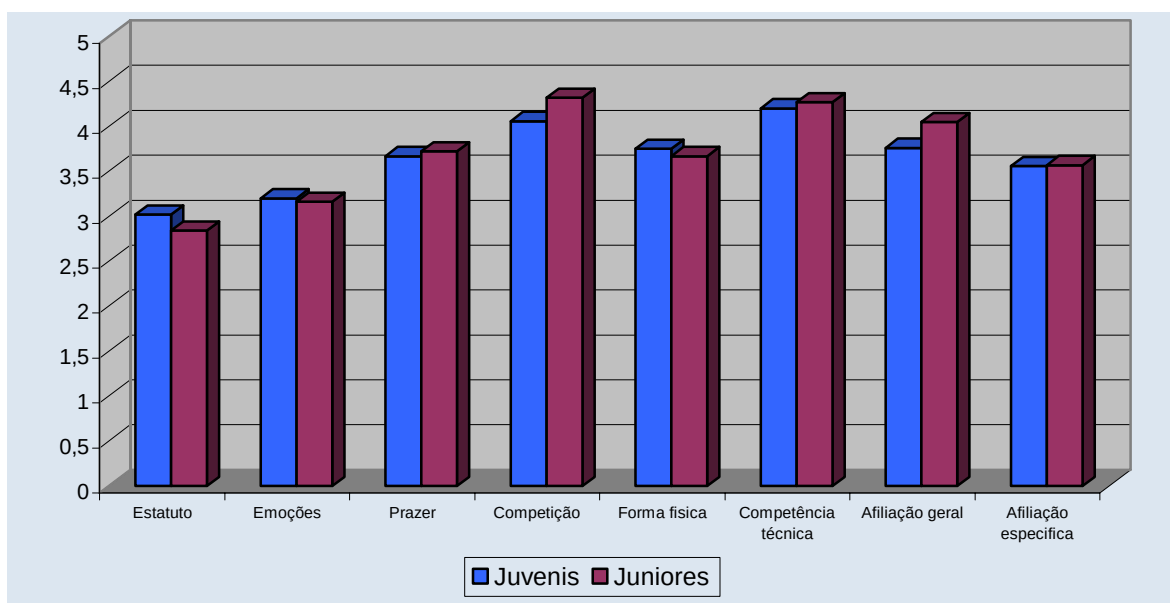


Figura 2 – Motivos para a prática em função da idade dos atletas

5.2.2. Objectivos de Realização referentes à Prática de Futebol em função da idade dos atletas

Lançando um olhar sobre o quadro 5 vemos os resultados relativos à orientação dos objectivos de realização dos atletas juvenis e juniores. Nesta comparação entre as idades pudemos verificar que ambos estão orientados mais para a tarefa do que para o ego, originando uma diferença entre idades estatisticamente significativa ($p < 0.05$).

Quadro 5 – Diferenças entre idades relativamente aos Objectivos de Realização

DIMENSÕES	JUVENIS		JUNIORES		t Test	
	N	Média ± Dp	n	Média ± Dp	t	p
Tarefa	143	4.08±0.52	117	4.23±0.0.51	-2.31	0.02
Ego	143	2.39±0.80	117	2.35±0.83	0.33	0.74

p<0.05

Pela análise à figura 3 constatámos que os atletas de ambas as idades estão mais orientados para a tarefa e que existem mais diferenças nesta dimensão relativamente à dimensão do ego.

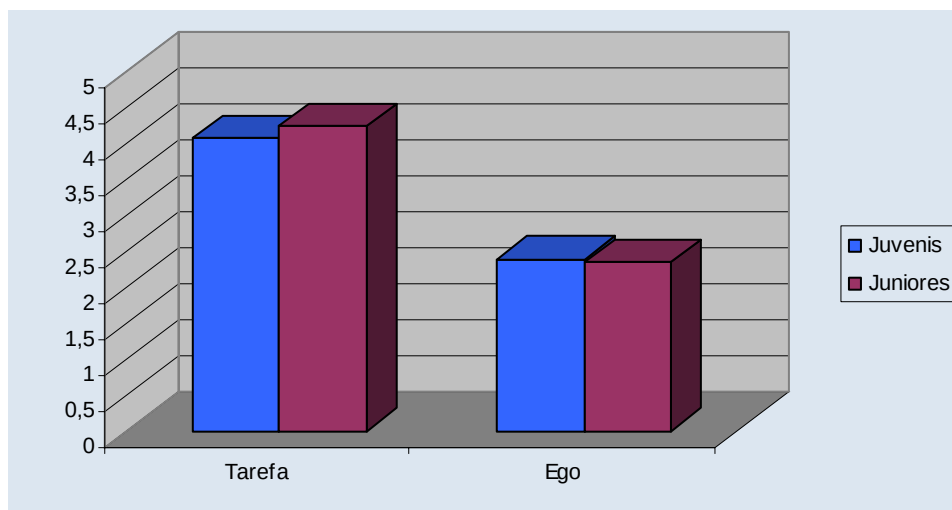


Figura 3 – Objectivos de Realização em função da idade dos atletas

5.2.3. Crenças quanto às Causas de Sucesso no Futebol em função da Idade dos atletas

Apresentamos de seguida (quadro 6) os valores atribuídos pelos juvenis e juniores às causas para o Sucesso no Futebol. Aqui pudemos verificar que apenas existem diferenças com significado estatístico entre os juvenis e juniores na dimensão da motivação/esforço, sendo que os estes encontraram

nesta dimensão as maiores causas para o sucesso relativamente ao outro escalão. Os juvenis atribuíram maior importância aos factores externos relativamente aos juniores.

Quadro 6 – Diferenças entre Juvenis e Juniores relativamente às Causas de Sucesso

DIMENSÕES	JUVENIS		JUNIORES		t Test	
	n	Média ± Dp	n	Média ± Dp	T	p
Motivação / Esforço	143	4.56±0.44	117	4.69±0.44	-2.27	0.02
Habilidade	143	3.59±0.86	117	3.59±0.84	-0.06	0.95
Factores Externos	143	2.45±0.97	117	2.25±0.92	1.69	0.09

p<0.05

Apesar das diferenças existentes nas dimensões da motivação/esforço e nos factores externos, constatámos pela análise da figura 7 que ambas as idades consideraram a mesma hierarquia para as causas subjacentes ao sucesso para o Futebol.

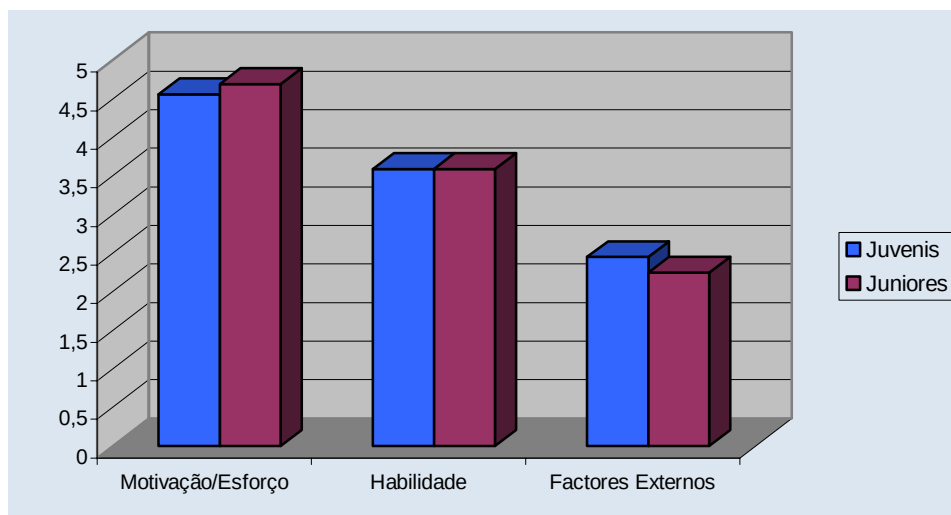


Figura 4 – Causas de Sucesso no Futebol em função da idade dos atletas

5.3. Correlações entre as dimensões dos Motivos para a Prática, dos Objectivos de Realização e das Crenças quanto às Causas de Sucesso

5.3.1. Inter – Correlação entre os Motivos para a prática, os Objectivos de Realização e as Causas para o Sucesso da Amostra Global

Os resultados que surgem no quadro 7 permitiram-nos verificar a existência de correlações significativas positivas ou negativas entre determinadas dimensões referentes aos motivos, aos objectivos de realização e às causas de sucesso.

Fazendo inicialmente uma análise às correlações existentes entre as dimensões dos motivos, verificámos que a correlação entre as dimensões dos motivos foram todas positivas. Também pareceram existir correlações estatisticamente significativas entre as dimensões do estatuto e as dimensões das emoções, prazer, forma física e afiliação específica.

No que diz respeito à dimensão das emoções esta correlacionou-se positivamente com as dimensões do prazer, forma física, afiliação geral e afiliação específica.

No que concerne à dimensão do prazer e ocupação de tempos livres esta correlacionou-se positivamente com a forma física, afiliação geral e afiliação específica.

A dimensão relativa à competição correlacionou-se mais fortemente e de uma forma positiva com a competência técnica.

A forma física apresentou correlações mais fortes e positivas com a afiliação geral e afiliação específica.

No que diz respeito à competência técnica esta apareceu correlacionada positivamente com a afiliação específica.

No que concerne à dimensão da afiliação geral esta correlacionou-se significativamente e de uma forma positiva com a afiliação específica.

Numa análise mais direccionada à correlação entre as dimensões motivacionais e os objectivos de realização pudemos verificar que a dimensão da tarefa se correlacionou significativamente e de uma forma positiva com o prazer, competição, competência técnica, afiliação geral e específica e também com a dimensão ego.

Por sua vez a dimensão ego teve uma correlação positiva e significativa com as dimensões do estatuto, emoções, prazer e forma física.

Por fim analisámos a correlação entre todas as dimensões mas mais direccionada para as causas de sucesso e pudemos averiguar que a motivação/esforço estava correlacionada positivamente com as dimensões do prazer, competição, competência técnica, afiliação geral e específica, tarefa e também com a habilidade. Verificámos ainda que a dimensão da motivação/esforço se correlacionou negativamente com o ego.

A dimensão habilidade correlacionou-se positivamente com as dimensões do estatuto, competição e competência técnica e também com a dimensão dos factores externos.

Por sua vez os factores externos correlacionaram-se mais fortemente e de uma forma positiva com as dimensões do estatuto, emoções, prazer e forma física.

Por outro lado pudemos referir os casos onde a correlação foi inexistente como foi o caso entre o ego e a afiliação geral. Pudemos também referir os casos onde a correlação foi muito reduzida que foi entre a tarefa e o estatuto, emoções e factores externos, entre o ego e competição e competência técnica e por fim entre a motivação/esforço e o estatuto e factores externos.

Quadro 7 – Correlação intra-classe para os Motivos para a prática, Objectivos de Realização e Causas para o Sucesso (Amostra Global)

DIMENSÕES	QMAD								TEOSQp		CSSp		
	Estatuto	Emoções	Prazer	Competição	Forma Física	Competência Técnica	Afiliação Geral	Afiliação Específica	Tarefa	Ego	Motivação / Esforço	Habilidade	Factores Externos
Estatuto	-												
Emoções	0.6**	-											
Prazer	0.6**	0.6**	-										
Competição	0.3**	0.3**	0.4**	-									
Forma Física	0.5**	0.6**	0.6**	0.3**	-								
Competência Técnica	0.3**	0.3**	0.3**	0.5**	0.3**	-							
Afiliação Geral	0.4**	0.6**	0.5**	0.4**	0.5**	0.4**	-						
Afiliação Específica	0.5**	0.5**	0.5**	0.4**	0.5**	0.5**	0.5**	-					
Tarefa	0.03	0.09	0.2**	0.4**	0.1	0.5**	0.3**	0.3**	-				
Ego	0.5**	0.3**	0.3**	0.07	0.2*	0.08	0.00	0.1	0.2**	-			
Motivação / Esforço	0.04	0.1	0.2**	0.4**	0.1	0.5**	0.3**	0.3**	0.4**	-0.5	-		
Habilidade	0.4**	0.3**	0.3**	0.4**	0.2**	0.4**	0.1*	0.3**	0.2*	0.3**	0.3**	-	
Factores Externos	0.6**	0.4**	0.4**	0.1*	0.4**	0.1*	0.2**	0.3**	-0.03	0.3**	-0.09	0.4**	-

*. p<0.05

** . p<0.01

5.3.2. Inter – Correlação entre os Motivos para a prática, os Objectivos de Realização e as Causas para o Sucesso da Amostra de Juvenis

De acordo com os resultados verificámos que no quadro 8 a dimensão do estatuto teve uma correlação positiva e estatisticamente significativa com as dimensões das emoções, prazer, forma física e afiliação específica, também com o ego e ainda com factores externos.

No que diz respeito à dimensão das emoções esta correlacionou-se positivamente com as dimensões do prazer, forma física, afiliação geral e afiliação específica, também com o ego e ainda com os factores externos.

No que concerne à dimensão do prazer e ocupação de tempos livres esta correlacionou-se positivamente com a forma física, afiliação geral e afiliação específica, com a tarefa, ego e ainda com habilidade e factores externos.

A dimensão relativa à competição correlacionou-se de uma forma positiva com a forma física, competência técnica, afiliação geral e específica, também com a tarefa e ainda com a habilidade.

A forma física apresentou correlações positivas e fortes com a afiliação geral e afiliação específica, também com o ego e ainda com os factores externos.

No que diz respeito à competência técnica, esta correlacionou-se significativamente e de uma forma positiva com a afiliação geral e específica, também com a tarefa e ainda com a motivação/esforço e habilidade.

No que concerne à dimensão da afiliação geral esta correlacionou-se positivamente com a afiliação específica, também com a tarefa e ainda com os factores externos.

Das dimensões referentes aos objectivos de realização, a tarefa apresentou uma correlação positiva e significativa com as dimensões do ego e também da motivação/esforço.

A dimensão relativa ao ego correlacionou-se significativamente e de uma forma positiva com a habilidade e factores externos.

Dentro das dimensões das causas de sucesso, encontramos correlações positivas e estatisticamente significativas entre a motivação/esforço e a habilidade e também entre a habilidade e factores externos.

As correlações mais baixas registaram-se na dimensão motivação/esforço.

Quadro 8 – Correlação intra-classe para os Motivos para a prática, Objectivos de Realização e Causas para o Sucesso (Amostra de Juvenis)

DIMENSÕES	QMAD								TEOSQp		CSSp		
	Estatuto	Emoções	Prazer	Competição	Forma Física	Competência Técnica	Afiliação Geral	Afiliação Específica	Tarefa	Ego	Motivação / Esforço	Habilidade	Factores Externos
Estatuto	-												
Emoções	0.6**	-											
Prazer	0.7**	0.6**	-										
Competição	0.4**	0.3**	0.4**	-									
Forma Física	0.5**	0.7**	0.7**	0.4**	-								
Competência Técnica	0.4**	0.3**	0.3**	0.4**	0.3**	-							
Afiliação Geral	0.5**	0.6**	0.6**	0.4**	0.5**	0.4**	-						
Afiliação Específica	0.6**	0.6**	0.5**	0.4**	0.5**	0.4**	0.5**	-					
Tarefa	0.1	0.1	0.2**	0.3**	0.2*	0.5**	0.4**	0.3**	-				
Ego	0.4**	0.3**	0.3**	0.1	0.2**	0.1	0.07	0.2*	0.2**	-			
Motivação / Esforço	0.03	0.06	0.04	0.3**	0.09	0.5**	0.2*	0.2*	0.4**	-0.1	-		
Habilidade	0.4**	0.3**	0.3**	0.4**	0.2*	0.4**	0.1	0.3**	0.2	0.3**	0.2**	-	
Factores Externos	0.6**	0.5**	0.4**	0.2**	0.4**	0.2*	0.2**	0.4**	0.03	0.4**	-0.1	0.5**	-

*, p<0.05 **, p<0.01

5.3.3. Inter – Correlação entre os Motivos para a prática, os Objectivos de Realização e as Causas para o Sucesso da Amostra de Juniores

Lançando um olhar sobre o quadro 9, pudemos ver que a dimensão do estatuto teve uma correlação positiva e estatisticamente significativa com as dimensões das emoções, prazer, forma física e afiliação específica, também do ego e ainda com a habilidade e os factores externos.

No que diz respeito à dimensão das emoções esta correlacionou-se positivamente com as dimensões do prazer, forma física, afiliação geral e específica, também com o ego e ainda com os factores externos.

No que concerne à dimensão do prazer e ocupação de tempos livres esta correlacionou-se de uma forma positiva com a forma física e ainda com a motivação/esforço e factores externos. É de salientar que esta dimensão não se correlacionou com os objectivos de realização.

A dimensão relativa à competição correlacionou-se positivamente com a competência técnica, também com a tarefa e ainda com a motivação/esforço e habilidade.

A forma física apresentou correlações positivas e mais fortes com a afiliação geral e também com os factores externos. À semelhança da situação anterior, esta dimensão não se correlacionou com os objectivos de realização.

No que diz respeito à competência técnica, esta apareceu correlacionada significativamente e de uma forma positiva com a afiliação específica, também com a tarefa e ainda com a motivação/esforço.

No que concerne à dimensão da afiliação geral esta correlacionou-se positivamente com a afiliação específica e também com a motivação/esforço. Os objectivos de realização tornaram a não se correlacionar com mais esta dimensão.

Das dimensões referentes aos objectivos de realização, a tarefa não se correlacionou significativamente com o ego, mas apresentou uma correlação positiva e significativa com a dimensão da motivação/esforço.

A dimensão relativa ao ego correlacionou-se significativamente e de uma forma positiva com a habilidade e factores externos.

Dentro das dimensões das causas de sucesso, encontrámos correlações estatisticamente significativas entre a motivação/esforço e a habilidade e também entre a habilidade e factores externos.

As correlações mais baixas registaram-se nas dimensões da tarefa, do ego e ainda nos factores externos.

Quadro 9 – Correlação intra-classe para os Motivos para a prática, Objectivos de Realização e Causas para o Sucesso (Amostra de Juniores)

DIMENSÕES	QMAD								TEOSQp		CSSp		
	Estatuto	Emoções	Prazer	Competição	Forma Física	Competência Técnica	Afiliação Geral	Afiliação Específica	Tarefa	Ego	Motivação / Esforço	Habilidade	Factores Externos
Estatuto	-												
Emoções	0.6**	-											
Prazer	0.4**	0.5**	-										
Competição	0.3**	0.3**	0.4**	-									
Forma Física	0.4**	0.6**	0.5**	0.3**	-								
Competência Técnica	0.3**	0.3**	0.4**	0.6**	0.3**	-							
Afiliação Geral	0.3**	0.6**	0.4**	0.4**	0.6**	0.4**	-						
Afiliação Específica	0.4**	0.5**	0.4**	0.4**	0.4**	0.5**	0.6**	-					
Tarefa	-0.03	0.05	0.1	0.4**	0.09	0.5**	0.2	0.2*	-				
Ego	0.5**	0.2**	0.1	0.03	0.09	0.03	-0.08	-0.03	0.1	-			
Motivação / Esforço	0.09	0.2	0.3**	0.5**	0.2	0.5**	0.3**	0.3**	0.5**	0.01	-		
Habilidade	0.4**	0.2*	0.2*	0.4**	0.2*	0.3**	0.2	0.3**	0.1	0.4**	0.4**	-	
Factores Externos	0.5**	0.3**	0.3**	0.07	0.3**	0.08	0.2*	0.3**	-0.08	0.3**	-0.05	0.3**	-

*. p<0.05

** . p<0.01

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com este estudo pretendemos identificar e avaliar os motivos que levaram os jovens pertencentes aos escalões de Juvenis e Juniores a praticar Futebol federado. Investigámos também, quais os objectivos de realização e as crenças quanto às causas para o sucesso, e quisemos saber se todas estas dimensões variavam com a idade.

Analisando os resultados obtidos pela totalidade dos jovens futebolistas na avaliação dos motivos para a prática de Futebol, verificámos que os que mais se destacaram foram os motivos associados à competência técnica, à competição e à afiliação geral. Estes resultados estão em consonância com um trabalho realizado por Sousa (2003) com 192 futebolistas do sexo masculino que mostrou que as crianças e jovens apontaram como principais motivos para a prática desportiva a melhoria de competências físico-desportivas, a competição e os motivos associados à afiliação. Existem ainda outros estudos congruentes com nossos resultados (e.g. Aguiar, 2000; Braga, 2003; Esteves, 2001; Fonseca et al., 2001; Fonseca e Maia, 2000; Sousa, 2003).

O facto da competência técnica ter sido um dos motivos mais referidos, é coerente com o contexto desportivo dos jogadores avaliados, ou seja, o Futebol exige elevados índices tácticos, técnicos, físicos e um elevado sentido colectivo. Por isso, torna-se por vezes difícil dissociar o nível de competência desportiva dos critérios de sucesso dos atletas. Segundo Fonseca (1995), em contextos de realização como este, os atletas pareciam orientar-se para o sucesso. Ainda associada à ideia de superação, podemos afirmar que esta ocorre nos momentos de competição organizada, daí que não seja de estranhar os elevados valores associados à competição neste estudo.

Deste modo, já que a competência técnica e a competição foram dos motivos mais importantes então os Treinadores devem sempre que possível privilegiar actividades que procurem promover inequivocamente os sentimentos de competência dos jovens (Fonseca, 2000). Por isso, para um correcto e eficaz planeamento do treino, o Treinador deve preocupar-se não só com os

aspectos que os seus atletas devem melhorar, mas também com as suas necessidades afectivas ou motivacionais. Se no processo de treino estiverem integrados os melhores motivos que levam os jovens a praticar Futebol, provavelmente, eles vão orientar-se de modo mais empenhado e assim aprendem mais. Por isso é importante que o Treinador possua um conhecimento profundo acerca dos motivos dos seus jogadores.

Ainda associada à ideia de superação, pudemos afirmar que a competição foi um dos motivos mais fortes para os jovens praticarem Futebol, e esta ideia de evolução ocorre em momentos de competição organizada. Também Brito (2001) afirmou que a aprendizagem não se limita ao objectivo de realizar bem o que se considera mais correcto, ou ideal, mas também em fazer sempre mais e melhor. Neste sentido, os Treinadores da região do Vale do Sousa, devem propor exercícios que promovam o desenvolvimento de capacidades técnicas, com exercícios de bola, menos corrida contínua e que a competição seja bastante solicitada, pois assim eles poderão tirar mais rendimento dos jovens futebolistas.

Por outro lado, ao constatámos que os motivos referentes à Afiliação Geral surgiram no nosso estudo como sendo dos mais importantes na decisão dos jovens praticarem Futebol, e verificámos que tal está de acordo com os resultados encontrados em estudos realizados anteriormente (e.g. Braga, 2003; Fonseca e Maia, 2000; Fonseca, 2000; Sousa, 2003).

Indo de encontro ao que foi referido anteriormente, Brito (2001, p. 17) afirma que “o desejo de filiação e de participação no grupo são expressos numa forte tendência social que se vai desenvolvendo ao longo da evolução etária do indivíduo, e também através da sensação de segurança que o grupo confere aos seus componentes. Estaremos aqui eventualmente na fronteira entre as motivações primária e secundárias. O grupo permite ao indivíduo, simultaneamente, uma afirmação pessoal, numa troca plena de riqueza, num sentimento de participação, numa segurança que resiste às frustrações, isto é, derrotas, que suportadas individualmente, poderiam assumir uma gravidade maior e conduzir até situações lesivas como, o insucesso, sentimento de inferioridade e o abandono”.

Esta constatação parece vir reforçar a relevância da vertente social na prática desportiva (Fonseca e Maia, 2000), por isso os Treinadores devem fomentar a ideia de que todos os jogadores são importantes para o grupo de trabalho e só assim se poderá construir uma equipa e um colectivo forte, tudo isto, no sentido de enfatizar a coesão de grupo.

No que respeita à comparação entre idades, pudemos verificar que os motivos mais importantes foram os mesmos em ambas as idades: competência técnica, competição e afiliação geral. No entanto verificou-se que, para os Juvenis, o motivo mais forte foi a competência técnica, e para os Juniores o motivo mais indicado foi a competição. A importância atribuída a cada uma das dimensões poderá eventualmente ser explicada pelo facto dos mais novos (juvenis) quererem evoluir e desenvolver as suas capacidades técnicas pois assim poderão tornar-se melhores jogadores a nível individual. Quanto aos mais velhos (juniores) estes procuram a competição pois estão na recta final da sua formação ao nível do Futebol e, por isso, o pensamento está em jogar. Igualmente, Brito (2001) indicou que uma das características do desporto é a competição. Sem competição, sem resultados não há desporto. O próprio treino visa um resultado, uma melhoria, um reforço de capacidades, a aquisição de habilidades, a progressão. Neste sentido os Treinadores devem eventualmente procurar dar aos jogadores uma competição que seja saudável de modo a que o colectivo se sobreponha ao individual e assim os jogadores e a equipa sejam beneficiados.

No que diz respeito aos motivos menos importantes para a prática do Futebol, verificámos, em ambas as idades que o estatuto e as emoções são as dimensões menos indicadas, resultados que são coincidentes com alguns estudos já realizados (e.g. Aguiar, 2000; Esteves, 2001; Fonseca e Maia, 2000; Freitas, 1997; Nunes, 1995; Rego, 1995; Sousa, 2003). Assim pudemos constatar que, a nível geral, os motivos menos referidos não variaram com a idade.

Quando correlacionámos os diferentes motivos para a prática, pudemos encontrar correlações positivas moderadas entre todos os motivos, quer na

amostra global quer nas sub-amostras de juvenis e juniores. Estes resultados parecem sugerir uma multidimensionalidade da motivação dos jovens para a prática desportiva (Fonseca, 1995). Ou seja, parece que o que leva os jovens a praticarem actividades desportivas não se restringe a um só conjunto de motivos, mas que, pelo contrário, existe uma acção conjugada de diversos tipos de motivos entre si.

No que concerne à orientação dos jovens futebolistas para a tarefa ou para o ego verificámos através dos nossos resultados que os atletas inquiridos estavam mais orientados para a tarefa, isto é, para a aprendizagem de novas competências tendo em vista o aperfeiçoamento constante das suas capacidades e em busca da mestria e estes vão de encontro a alguns estudos (e.g. Aguiar, 2000; Angélico, 2000; Braga, 2003; Duda e Whitehead, 1998; Esteves, 2001; Fonseca e Maia, 2000; Sousa, 2003).

Estes dados parecem ser positivos, uma vez que os indivíduos com uma clara orientação para a tarefa tendem a perceber o seu nível de sucesso desportivo em função da quantidade de esforço despendido e da melhoria das suas competências e rendimentos (Cruz, 1996a). De acordo com Ames (1992), os indivíduos que adoptam objectivos mais orientados para a mestria (tarefa) apresentam um padrão motivacional mais positivo, uma vez que valorizam a importância do esforço e do trabalho e são mais persistentes perante os desafios, os obstáculos e os insucessos.

Relativamente à orientação para a tarefa ou para o ego em função da idade, pudemos verificar que em ambas as idades os jovens estavam mais orientados para a tarefa do que para o ego. E também reparámos que os juvenis estão mais orientados para o Ego do que os juniores, e estes por sua vez estão mais orientados para a tarefa do que os mais novos, havendo aqui uma diferença estatisticamente significativa. Assim, constatámos que os nossos resultados são convergentes com outros estudos (e.g. Angélico, 2000; Duda et al., 1995; Esteves, 2001; Fonseca e Maia, 2000; Sousa, 2003). No estudo de Sousa (2003) com jovens futebolistas, verificou-se que os juvenis

eram mais orientados para o ego do que os juniores, enquanto que estes eram mais orientados para a tarefa. Apesar de termos verificado que a orientação para a tarefa aumentou e a orientação para o ego diminuiu com a idade, não existe qualquer tipo de correlação entre a idade e as orientações cognitivas.

Quanto às correlações entre os motivos e os objectivos de realização verificámos que a orientação para a tarefa se correlacionava positivamente com os motivos do desenvolvimento de competências técnicas e da afiliação geral e que a orientação para o ego se correlacionava positivamente com os motivos do estatuto e das emoções. Estes nossos resultados estão de acordo com outros estudos (e.g. Aguiar, 2000; Esteves, 2001; Sousa, 2003).

Com os dados da amostra global constatámos que a tarefa se correlacionou mais com o desenvolvimento de competências técnicas, afiliação e com a competição. O que mostrou claramente que estes indivíduos entendem que melhorar as capacidades técnicas, aprender novos conteúdos, pertencer a um grupo e competir são dimensões motivacionais importantes para eles, pois acreditam que o sucesso advém do esforço desenvolvido por eles.

Por outro lado, o ego correlacionou-se mais com o estatuto, emoções e prazer, resultados que parecem ir de encontro a um estudo realizado por Sousa (2003). Também num estudo realizado por Zahariadis e Biddle (1999) com 412 jovens entre os 11 e os 16 anos praticantes de Desporto verificou-se que a orientação para a tarefa se correlacionou positivamente com o desenvolvimento das competências e com a equipa e negativamente com o estatuto/reconhecimento. Por sua vez, a orientação para o ego correlacionou-se positivamente com o estatuto/reconhecimento e negativamente com a equipa.

Isto indicou-nos que tendencialmente, estes indivíduos demonstraram preocupação em serem conhecidos perante a sociedade e perceberam o seu sucesso recorrendo a padrões normativos, ou seja, o que define o seu sucesso é o resultado obtido (vitória), independentemente da forma como competiram ou do esforço que despenderam.

Com os dados das sub-amostras de juvenis e juniores observámos que os resultados são coincidentes e não variaram com a idade, ou seja, a tarefa correlacionou-se positivamente com o desenvolvimento de competências técnicas, afiliação geral e competição. Por outro lado o ego correlacionou-se fortemente e de uma forma positiva com o estatuto, emoções e o prazer.

Neste estudo, quando correlacionámos as dimensões tarefa e ego constatámos que na amostra global e na amostra de juvenis existiu uma baixa correlação positiva entre as duas orientações, e na amostra de juniores não existiu qualquer tipo de correlação. Isto indicou-nos que os mais velhos comparativamente com os mais novos, se preocupavam mais em partir em direcção à mestria, à evolução (tarefa). Porém apesar de se terem encontrado valores bem distintos para a orientação para a tarefa e para o ego, é de salientar que a literatura tem defendido que as dimensões dos Objectivos de Realização se constituem como independentes uma da outra, sendo por isso possível que um atleta esteja não só bastante orientado para a tarefa mas também para o ego (Fonseca e Maia, 2000).

No que concerne às causas para o sucesso constatámos que os jovens consideraram as causas relacionadas com a motivação/esforço como as mais determinantes para a obtenção de sucesso, e estes resultados vão de encontro a outros estudos realizados anteriormente (e.g. Braga, 2003; Biddle, 1993; Fonseca e Maia, 2000).

Com os dados da amostra global, constatámos que a motivação/esforço foi a causa principal para o sucesso dos jovens futebolistas. Em segundo lugar surgiu a habilidade e por último os factores externos. Estes resultados mostraram que os jovens não acreditam que “fazer batota” ou enganar o Treinador, sejam formas de atingir o sucesso. Num estudo realizado por Fonseca e Maia (2000), as causas mais determinantes para o sucesso foram a motivação/esforço, e na sua globalidade minimizaram a influência dos factores externos.

Comparando as idades, pudemos observar que em ambos os escalões a motivação/esforço foi a maior crença quanto às causas de sucesso. Por outro

lado também se verificou que em ambos os escalões se minimizam os factores externos, ou seja, as causas para o sucesso não se correlacionam com o aumento da idade. No entanto pudemos ainda realçar que os juniores valorizam muito mais a dimensão da motivação/esforço do que os juvenis, sendo esta diferença estatisticamente significativa. Num estudo realizado por Cruz (2001), constatou-se que comparando idades diferentes, a causa de sucesso mais indicada nos mais novos e nos mais velhos, foi a motivação/esforço e os menos apontados por eles foram factores externos.

Do ponto de vista motivacional, há que destacar a vantagem dos jovens pensarem que o seu sucesso depende da sua motivação e do esforço despendido, pois significa que entendem que o seu sucesso surge, em grande parte, da sua iniciativa e da qualidade da sua actuação.

Relativamente à correlação entre os objectivos de realização e as causas de sucesso verificámos que a tarefa se correlacionava positivamente com a crença de que o sucesso se obtém através da motivação/esforço, e estes resultados estão de acordo com alguns estudos realizados (e.g. Braga, 2003; Cruz, 1996a; Newton e Duda, 1993).

Com os dados da amostra global constatámos que a motivação/esforço se correlacionou positivamente com a competição, competência técnica e com a tarefa. A dimensão da habilidade correlacionou-se de uma forma positiva o estatuto e com o ego. A dimensão dos factores externos correlacionou-se positivamente com o estatuto, forma física, ego e com as habilidades. Estes nossos resultados estão de acordo com o estudo realizado por Braga (2003).

Na comparação das idades, pudemos observar que enquanto nos juvenis a dimensão da motivação/esforço se correlacionou mais com a competência técnica, afiliação geral e tarefa; nos juniores existiu uma correlação mais forte e positiva com a competição, competência técnica e com a tarefa.

Relativamente à dimensão dos factores externos, foi aquela que todos deram a mínima importância, verificámos que nos juvenis existiu uma correlação positivamente forte com o estatuto, emoções, ego e habilidades; e nos juniores existiu uma correlação positiva com o estatuto, ego e habilidades.

7. CONCLUSÕES

Os resultados do nosso estudo permitem-nos extrair as seguintes conclusões:

- No que diz respeito aos motivos para a prática, os jovens futebolistas privilegiam os motivos associados à competência técnica, competição e afiliação geral. Por outro lado os motivos menos privilegiados são o estatuto e as emoções. No entanto parece-nos que o que leva os jovens a praticar Futebol, não se restringe a um conjunto de motivos, mas sim, a uma acção conjugada de diversos tipos de motivos entre si. Na comparação entre idades estes resultados também se verificaram quer nos mais novos (juvenis), quer nos mais velhos (juniores). No entanto, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas dimensões da competição e da afiliação geral, sendo os mais velhos a dar mais importância a estas dimensões.
- Relativamente ao estudo dos objectivos de realização dos jovens atletas, os valores encontrados levam-nos a crer que existe uma maior orientação para a tarefa do que para o ego. Na comparação entre idades também se verificou a mesma tendência. No entanto, parece-nos os mais velhos atribuem mais importância à orientação para a tarefa do que os mais novos, sendo esta diferença estatisticamente significativa. Correlacionando estas duas dimensões podemos eventualmente afirmar que há uma correlação positiva entre a tarefa e o ego, significando que os jovens não se orientam unicamente por uma dimensão mas sim pela acção conjugada das duas dimensões dos objectivos de realização.
- No que concerne ao estudo das crenças quanto às causas de sucesso, parece poder concluir-se que a generalidade da amostra considera que as principais causas de sucesso estão associadas à motivação e

esforço. Por outro lado as causas mais irrelevantes para os jovens futebolistas estão associadas à influência dos factores externos. Esta hierarquização é idêntica nas sub-amostras de juvenis e juniores, no entanto estes últimos valorizam mais a motivação/esforço do que os juvenis, e estes por sua vez, atribuíram mais importância aos factores externos do que os juniores. Correlacionando as três variáveis verificamos que a habilidade se correlaciona positivamente com a motivação/esforço e com os factores externos e estes por sua vez não se correlacionam com aquela variável.

- Analisando na sua globalidade, as correlações entre os motivos para a prática, os objectivos de realização e as crenças quanto às causas para o sucesso, podemos inferir que quanto aos motivos para a prática existe uma acção conjugada dos diversos motivos que levam os jovens a jogarem Futebol. Quanto aos objectivos de realização, a tarefa correlaciona-se positivamente com o prazer, competência técnica e afiliação; o ego correlaciona-se positivamente com o estatuto, emoções, prazer e forma física. Quanto às causas para o sucesso, a motivação/esforço correlaciona-se de uma forma positiva com o prazer, competição, competência técnica, afiliação e tarefa; a habilidade correlaciona-se positivamente com o estatuto, competição e competência técnica e por último os factores externos correlacionam-se de uma forma positiva com o estatuto, emoções, prazer, forma física e ego.

Com a realização deste estudo, consideramos premente, para o desenvolvimento científico desta área do conhecimento, que à medida que resultados efectivos e significativos são “produzidos”, há uma necessidade de fazer chegar as conclusões emanadas e as respectivas implicações práticas dos estudos, aos responsáveis pelo processo de desenvolvimento desportivo dos jovens atletas.

8. IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Os resultados do nosso estudo permitem-nos extrair as seguintes Implicações Práticas.

Relativamente aos motivos para a prática, a competência técnica e a competição foram dos motivos mais importantes neste estudo, isto implica que os Treinadores devem sempre que possível privilegiar actividades que procurem promover inequivocamente os sentimentos de competência dos jovens (Fonseca, 2000). Por isso, para um correcto e eficaz planeamento do treino, o treinador deve preocupar-se não só com aspectos que os seus atletas devem melhorar, mas também com as suas necessidades afectivas ou motivacionais. Ou seja, é importante que o treinador possua um conhecimento profundo acerca dos motivos dos jovens futebolistas.

No que diz respeito aos objectivos de realização, a investigação desportiva tem demonstrado, que a orientação para a tarefa é mais benéfica para a realização a longo termo do que centrando a atenção em objectivos para o ego. Assim sendo, parece que a orientação para a tarefa é motivacionalmente positiva, pois conduz a uma maior satisfação, mais motivação intrínseca e auto-determinação. Por essa razão, a orientação para a tarefa é tão boa se funcionar isoladamente ou combinada com uma elevada orientação para o ego (e.g. Ames, 1992; Biddle, 1999; Duda, 2001; Duda e Whitehead, 1998; Roberts, 2001; Serpa, 1998). Paralelamente, isto implica que o Treinador saiba elaborar explicações correctas para as determinadas situações (Fonseca, 1996), reconhecendo, por exemplo, as razões que estão na base de pontuais ou constantes sentimentos de impotência por parte dos seus atletas. Parece que se soubermos qual a orientação dos objectivos de realização dos atletas, mais facilmente compreenderemos a forma como eles explicam e interpretam as suas experiências desportivas (Duda, 1992).

Estes dados parecem trazer implicações positivas, uma vez que os indivíduos com uma clara orientação para a tarefa tendem a percepcionar o

seu nível de sucesso desportivo em função da quantidade de esforço despendido e da melhoria das suas competências e rendimentos (Cruz, 1996). De acordo com Ames (1992) os indivíduos que adoptam objectivos mais orientados para a mestria (tarefa) apresentam um padrão motivacional mais positivo, uma vez que valorizam a importância do esforço e do trabalho e são mais persistentes perante os desafios, os obstáculos e os insucessos.

No que concerne às crenças quanto às causas de sucesso, a dimensão da motivação/esforço é eventualmente aquela que os jovens mais apontam como sendo a principal causa do seu sucesso. Estes resultados parecem ser positivos pelo facto dos jovens atribuírem o sucesso a causas que advêm do seu esforço e da motivação. A influência dos Treinadores no contexto desportivo, implica que estes devem ensinar aos seus atletas, que os seus sucessos se devem à quantidade de esforço despendido e às suas capacidades e não a factores externos. Por outro lado, podem também ensiná-los a encarar os insucessos como experiências das quais é sempre possível retirar algo de positivo, no sentido de melhorar e procurar alcançar o sucesso numa próxima oportunidade (Fonseca, 1996).

9. BIBLIOGRAFIA

-  Aguiar, O. (2000). *Motivos para a prática desportiva. Objectivos de Realização*. Porto: FCDEF-UP. Dissertação de Licenciatura (trabalho não publicado).
-  Alves, J.; Brito, A.; Serpa, S. (1996). *Psicologia do Desporto, Manual do Treinador*. Psicosport Edições.
-  Ames, C. (1992). *Achievement goals, motivational climate and motivational processes*. In G. C. Roberts (Ed.), *Motivation in Sport and Exercise* (pp. 161-176).
-  Angélico, S. (2000). *A prática do Basquetebol: motivação, objectivos de realização, percepção de competência e clima motivacional*. Porto: FCDEF-UP. Dissertação de Licenciatura (trabalho não publicado).
-  Araújo, J. (1995). *Manual do Treinador do Desporto Profissional*. Porto: Campo de Letras Editores.
-  Bento, J. (2001). *O Mundo sem desporto ficaria muito empobrecido*. Revista Desporto, Ano IV, 31.
-  Biddle, S. (1993). *Attribution research and sport psychology*. In Robert Singer, M. Murphey e K. Tennant (Eds.), *Handbook of Research on Sport Psychology* (pp.437-464). New York, NY: Macmillan.
-  Biddle, S. (1999). *Targeting goal: but which goal? Motivating the child in football*. The F.A. Coaches Association Journal, 4, 40.
-  Braga, A. (2003). *Motivos para a pratica, objectivos de realização e crenças quanto as causas de sucesso no atletismo : perspectivas de um grupo de jovens atletas versus perspectivas percebidas pelos seus pais e treinadores*. Porto: FCDEF-UP. Dissertação de Licenciatura (trabalho não publicado).
-  Brito, A. (2001). *Psicologia do Desporto*. Representações e Serviços (2ª edição). Lisboa: Omniserviços.
-  Campbell, P.; Macauley, D.; McCrum, E.; Evans, A. (2001). *Age differences in the motivation factors for exercise*. Journal of Sport & Exercise Psychology, 23 (3), 191-199.
-  Carpenter, P.; Yates, B. (1997). *Relationship between achievement goals and the perceived purposes of soccer for semi-professional and amateur players*. Journal of Sport & Exercise Psychology, 19, 302-311.
-  Cruz, J. (1996a). *Motivação para a competição e prática desportiva*. In J. Cruz (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto* (pp. 305-331). Braga.
-  Cruz, J. (1996b). *Psicologia do Desporto e da Actividade Física: Natureza, História e Desenvolvimento*. In J. Cruz (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto* (pp.17-41). Braga.
-  Cruz, J.; Costa, F. (1997). *Motivação para a competição desportiva e razões para o abandono: um estudo no Voleibol*.
-  Cruz, M. (2001). *Objectivos de Realização, Motivos para a prática e Crenças relativas às causas de Sucesso*. Porto: FCDEF-UP. Dissertação de Licenciatura (trabalho não publicado).
-  Duda, J. (1992). *Motivation in sport settings: A goal perspective approach*. In G. C. Roberts (Ed.), *Motivation in Sport and Exercise* (pp. 57-91). Champaign, Illinois: Human Kinetics.

-  Duda, J. (2001). *Achievement goal research in sport: pushing the boundaries and clarifying some misunderstanding*. In G. C. Roberts (Ed.), *Advances in Motivation in Sport and Exercise* (pp.129-182). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
-  Duda, J.; Nicholls, J. (1989). *The Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire*, Psychometric properties.
-  Duda, J.; Chi, L.; Newton, M.; Walling, M; Catley, D. (1995). *Task and Ego Orientation and Intrinsic Motivation in Sport*, *International Journal*, 26, 40-63.
-  Duda, J.; Fox K.; Biddle S.; Armstrong N. (1992). *Children's achievement goals and beliefs about success in sport*. *B. Journal Education Psychology*, 62, 313–323.
-  Duda, J.; White S. (1992). *Goal orientations and beliefs about the causes of sport success among elite skiers*. *Sport Psychology*, 6, 334–343.
-  Duda, J.; Whitehead, J. (1998). *Measurement of goal perspectives in the physical domain*. In J. L. Duda (Ed.), *Advances in Sport and Exercise Psychology Measurement* (pp.21-48).
-  Eley, D.; Page, A. (1999). *Motivational goal orientations in adolescent female runners of different running abilities*. *Journal of Sports Sciences*, 17 (1), 3-70.
-  Esteves, L. (2001). *Motivação para a prática do Futebol: motivação para a prática do Futebol: Motivos para a prática desportiva, objectivos de realização e crenças sobre as causas do sucesso. Estudo com jovens futebolistas de clubes do distrito de Bragança*. Porto: FCDEF-UP. Dissertação de Licenciatura (trabalho não publicado).
-  Fernandes, R. (2004). *Motivação das nadadoras para a prática de natação pura desportiva*. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4 (Suplemento nº 2), 144-145.
-  Ferreira, M. (1999). *Motivação Desportiva e Percepção de ameaça na competição, em atletas de diferentes escalões e níveis competitivos do Futebol de 11 Juvenil Masculino*. Porto: FCDEF-UP. Dissertação de Licenciatura (trabalho não publicado).
-  Ferreira, J.; Gaspar, P. (2005). *O contributo do Treinador para o desenvolvimento da identidade do jovem atleta*. *Treino Desportivo*, 7, 6.
-  Fonseca, A. (1993). *Motivação para a Prática Desportiva. Relatório apresentado às provas de aptidão pedagógica e capacidade científica*. Porto: FCDEF-UP. Dissertação de Licenciatura (trabalho não publicado).
-  Fonseca, A. (1995). *Motivos para a prática desportiva: investigação desenvolvida em Portugal*. In Agon, *Revista crítica de desporto e de educação física* (pp.49-62). Coimbra: Edição da Universidade de Coimbra.
-  Fonseca, A. (1996). *As atribuições causais em contextos desportivos*. In J. Cruz (Ed), *Manual de Psicologia do Desporto* (pp.333-359).
-  Fonseca, A. (1999). *Atribuições em contextos de actividade física ou desportiva: perspectivas, relações e implicações*. Porto: FCDEF-UP. Dissertação de Provas de Doutoramento (trabalho não publicado).
-  Fonseca, A. (2000). *A motivação dos jovens para o desporto e os seus Treinadores*. In J. Garganta (Ed.), *Horizontes e Órbitas no Treino dos Jogos Desportivos* (pp.155–174). Porto: CEJD/FCDEF-UP.

-  Fonseca, A.; Biddle, S. (2001). *Estudo inicial para a adaptação do Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ) à realidade portuguesa*. In FCDEF-UP (Ed.), Estudos sobre motivação (pp.65-67). Porto: FCDEF-UP (Ed.).
-  Fonseca, A.; Ferreira, B.; Cunha, A. (2001). *Estudo exploratório sobre a relação existente entre os objectivos de realização e o espírito desportivo de jovens andebolistas de ambos os sexos*. In FCDEF-UP (Ed.), Estudos sobre motivação (pp.85-87). Porto: FCDEF-UP (Ed.).
-  Fonseca, A.; Maia, J. (2000). *A motivação dos jovens para a prática desportiva federada: Um estudo com atletas das regiões centro e norte de Portugal com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos*. Porto: FCDEF-UP.
-  Freitas, N. (1997). *Motivação dos jovens para a prática do Futebol*. Porto: FCDEF-UP. Dissertação de Licenciatura (trabalho não publicado).
-  Georgiadis, M.; Biddle, S.; Auweele Y. (2001). *Cognitive, emotional and behavioural connotations of task and Ego goal orientation profiles: an ideographic approach using hierarchical class analysis*. International Journal of Sport Psychology, 32, 1-20.
-  Gill, D.; Gross, J.; Huddleston, S. (1983). *Participation Motivation in youth Sports*. International Journal of Sport Psychology, 14, 1-14.
-  Gonçalves, C.; Silva, M. (2004). *Valores e orientação motivacional no desporto de jovens*. In Instituto do Desporto de Portugal (Ed.), Treino Desportivo VI (pp.24). Lisboa.
-  Harwood, C.; Swain, A. (1998). *Antecedents of pre-competition achievement goals in elite junior tennis players*. Journal of Sports Sciences, 16, 357-371.
-  Horn, R. (2001). *World-wide review of science and football research*. The F.A. Coaches Association Journal, 4, 20-22.
-  Hatzigeorgiadis, A. (2002). *Thoughts of escape during competition: relationship with goal orientations and self-consciousness*. Psychology of Sport and Exercise, 3 (3), 195-207.
-  Hatzigeorgiadis, A.; Biddle, S (1999). *The effects of goal orientation and perceived competence on cognitive interference during tennis and snooker performance*. Journal of Sport Behaviour. 22 (4), 479-501.
-  Jagacinski, C.; Madden, J.; Reider, M. (2001). *The impact of situational and dispositional achievement goals on performance*. Human Performance, 14, 321-337.
-  Kavassanu, M.; Roberts, G. (2001). *Moral functioning in sport: an achievement goal perspective*. Journal of Sport & Exercise Psychology, 23 (3), 360-380.
-  King, L.; Williams, T. (1997). *Goal orientation and performance in martial arts*. Journal of Sport Behaviour, 20 (4), 397-411.
-  Koivula, N. (1999). *Sport participation: differences in motivation and actual participation due to gender typing*. Journal of Sport Behaviour, 22 (3), 360-380.
-  Lemyre, P.; Roberts, G.; Ommundsen, Y. (2002). *Achievement goal orientations, perceived ability, and sportperson ship in youth soccer*. Journal of Applied Sport Psychology, 14 (2), 120-136.
-  Newton, M.; Duda J. (1993). *Relationship of task and ego orientation to performance-cognitive content, affect, and attributions in bowling*. Journal of Sport Behaviour, 16, 209–220.

-  Newton, M.; Duda, J. (1999). *The interaction of motivational climate, dispositional goal orientations and perceived ability in predicting indices of motivation*. International Journal of Sport Psychology, 30, 63-82.
-  Nicholls, J. (1984). *Conceptions of ability and achievement motivation*. Research on Motivation in Education: Student motivation. New York: Academic Press.
-  Novais, M.; Fonseca, A. (1998). *Orientações motivacionais na dança: perspectivas das bailarinas vs. Perspectivas percebidas dos seus outros significados*. In A. Marques, A. Prista e A. Júnior (eds). Actas do V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto de países de língua Portuguesa. Maputo-Moçambique. 2º Volume. Porto: FCDEF-UP e FCEFD-UM.
-  Nunes, M. (1995). *Motivação para a prática desportiva*. Horizonte, 12 (67), Lisboa.
-  Ntoumanis, N. (2001). *Empirical links between achievement goal theory and self-determination theory in sport*. Journal of Sports Sciences, 19 (5), 397-409.
-  Papaioannou, A. (1995). *Motivation and goal perspectives in children's physical education*. In S. Biddle (Ed), European perspectives on exercise and sport psychology (pp.245-269). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
-  Rego, M. (1995). *Motivação para a prática desportiva – análise descritiva e comparativa dos motivos de participação no desporto escolar de crianças e jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos*. Porto: FCDEF-UP. Dissertação de Mestrado (trabalho não publicado).
-  Roberts, G. (2001). *Advances in Motivation in Sport & Exercise*. Norwegian University of Sport Science Editors.
-  Roberts, G (1992). *Motivation in Sport and Exercise: conceptual constraints and convergence*. In G. C. Roberts (Ed.), Motivation in Sport and Exercise (pp.3-29). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
-  Roberts, G.; Treasure, D. (1995). *Achievement goals, motivational climate and achievement strategies and behaviours in sport*. International Journal of Sport Psychology, 10, 211-230.
-  Sarrazin, P.; Famose, J.; Biddle, S.; Fox, K.; Durand, M.; Cury, F. (1995). *Buts d'accomplissement et croyances relatives à la nature de l'habilité motrice*. Science et Motricité, 26, 21-31.
-  Serpa, S. (1998). *Treino desportivo e comportamento interpessoal: a díade Treinador-atleta*. In A. Marques; A. Prista; A. F. Júnior (Eds.), Educação Física: Contexto e Inovação (pp.193-201). Actas do V congresso de Educação Física e Ciências do Desporto de Países de Língua Portuguesa, Maputo: FCDEF-UP (Ed.).
-  Serpa, F.; Meyer, E.; Morgan, C.; Gillasp, J.; Sugar, J.; Roberts, J. (1996). *Achievement goals*. Physical Review, 53, 2220.
-  Sousa, L. (2003). *Motivação para a prática do Futebol – Motivos para a prática desportiva, objectivos de realização, competência percebida e satisfação. Estudo com juvenis e juniores na ilha de S. Miguel*. Porto: FCDEF-UP. Dissertação de Mestrado (trabalho não publicado).
-  Spray, C.; Biddle, S.; Fox, K. (1999). *Achievement goals, beliefs the causes of success and reported emotion in post-16 physical education*. Journal of Sports Sciences, 17 (3), 213-219.
-  Steinberg, G.; Grieve, F.; Glass, B. (2001). *Achievement goals across the lifespan*. Journal of Sport Behaviour, 24(3), 298-306.

-  Thill, E.; Brunel, P. (1995). *Ego-involvement and Task-involvement: related conception of ability, effort, and learning strategies among soccer players*. International Journal of Sport Psychology, 26, 81-97.
-  Treasure, D.; Carpenter, P.; Power, K. (2000). *Relationship between achievement goal orientations and the perceived purposes of playing rugby union for professional and amateur players*. Journal of Sports Sciences, 18 (8), 571-577.
-  Treasure, D.; Roberts, G. (1995). *Achievement goals, motivational climate and achievement strategies and behaviors in Sport*. International Journal of Sport Psychology, 26, 64–80.
-  Treasure, D. (1999). *Motivation: more than a question of winning and losing*. The F.A. Coaches Association Journal, 3 (2), 16.
-  Treasure, D. (2001). *Enhancing young people's motivation in youth sport: an achievement goal approach*. In D. Treasure (ed.), *Advances in motivation in sport and exercise* (pp.79-100). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
-  Vallerand, R.; Losier, G. (1999). *An integrative analysis of intrinsic and extrinsic motivation in sport*. Journal of Applied Sport Psychology, 11 (1), 142-169.
-  Wang, C.; Biddle, S. (2001). *Young people's motivational profiles in physical activity: a cluster analysis*. Journal of Sport & Exercise Psychology, 23 (1), 1-22.
-  Weiner, B. (1986). *An attributional theory of motivation and emotion*. New York: Springer- Verlag.
-  Weinberg, R.; Gould, D. (1995). *Foundations of Sport Exercise Psychology*. Champaign-Illinois: Human Kinetics Publishers.
-  Weinberg, R.; Tenenbaum, G.; McKenzie, A.; Jackson, S.; Anshel, M.; Grove, R.; Fogarty, G. (2000). *Motivation for youth participation in sport and physical activity: relationship to culture self reported activity levels, and gender*. International Journal of Sport Psychology, 31, 321-346.
-  Zahariadis, P.; Biddle, S. (1999). *Goal Orientations and Participation Motives in Physical Education and Sport: Their relationship in English Schoolchildren*. International Journal of Sport Psychology, 30, 223-243.